

CLÁSSICOS ZAHAR
em EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Persuasão
seguido de duas novelas inéditas em português
Jane Austen

Peter Pan
J.M. Barrie

O Mágico de Oz*
L. Frank Baum

Alice*
Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho
Lewis Carroll

Sherlock Holmes*
contos e romances em 9 vols.
Arthur Conan Doyle

O conde de Monte Cristo
A mulher da gargantilha de veludo e outras histórias de terror
Os três mosqueteiros**
Alexandre Dumas

O melhor do teatro grego
Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes

O corcunda de Notre-Dame
Victor Hugo

O lobo do mar**
Jack London

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda
Howard Pyle

Contos de fadas*
Maria Tatar (org.)

20 mil léguas submarinas
Jules Verne

* Disponível também em Edição Bolso de Luxo

** Em preparação

HOWARD PYLE

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Apresentação e notas:
Lênia Márcia Mongelli

Tradução:
Vivien Kogut Lessa de Sá



ZAHAR

Copyright da tradução © 2013, Vivien Kogut Lessa de Sá

Copyright desta edição © 2013:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Juliana Romeiro | Revisão: Eduardo Farias, Carolina Sampaio

Projeto gráfico: Carolina Falcão | Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Pyle, Howard, 1853-1911
P998r Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda / Howard Pyle; apresentação e notas
Lênia Márcia Mongelli; tradução Vivien Kogut Lessa de Sá. – Rio de Janeiro: Zahar,
2013.

il. (Clássicos Zahar)

Tradução de: The story of King Arthur and his knights

Edição comentada e ilustrada

ISBN 978-85-378-1065-1

1. Arthur, Rei – Ficção. 2. Reis e governantes – Grã-Bretanha – Ficção. 3. Ficção ame-
ricana. I. Mongelli, Lênia Márcia. II. Sá, Vivien Kogut Lessa de. III. Título. IV. Série.

13-1084

CDD: 823

CDU: 821.111-3

SUMÁRIO

Apresentação: A história de Arthur além da História,
por Lênia Márcia Mongelli 7

REI ARTHUR E OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

Prefácio 29

O LIVRO DO REI ARTHUR 31

O LIVRO DE TRÊS HOMENS NOTÁVEIS 169

Cronologia: Vida e obra de Howard Pyle 323

A HISTÓRIA DE ARTHUR ALÉM DA HISTÓRIA

I. PRELIMINARES

Quando qualquer leitor atual, especialista ou não, se propõe a ler sobre algum aspecto da vasta lenda arturiana – ou, se preferirmos, da “matéria de Bretanha”, conforme o trovador francês Jean Bodel (1165-1210) classificou os ciclos literários de seu tempo, a par da “matéria de Roma” e da “matéria de França” –, esse leitor deve ter em mente pelo menos três pressupostos básicos, estreitamente vinculados entre si: quem escreve, as fontes de que se serve e o público a que se destina. Tais cuidados são indispensáveis, porque se trata de tema referente a um passado bastante recuado, forjado por autores quase sempre desconhecidos e ouvido/lido por pessoas com perfil muito distinto do homem moderno. Esse rigor não atrapalha a sedução que inegavelmente emana dos cavaleiros de Arthur; pelo contrário, só ajuda a entendê-la melhor.

Primórdios de uma construção

A corte arturiana e, com ela, a Távola Redonda pertencem à categoria dos mitos. Isto significa que para eles convergem as mais diversas tradições – de proveniência oral ou escrita, literária ou historiográfica, manuscrita ou impressa e, via de regra, cobrindo um amplo espaço geográfico e uma ainda mais ampla curvatura temporal, porque enveredam pelo folclore e por costumes de regiões distintas, numa imbricação de imaginários que só confirma aquele “nada que é tudo” de Fernando Pessoa, célebre concepção de “mito” em *Mensagem*.

A biografia do Arthur histórico – portanto, aquele que terá *realmente* existido –¹ é bastante nebulosa, porque também permeada de fatos lendários: ele teria chefiado a resistência dos celtas contra os invasores anglo-saxões,

1. Convém ressaltar que a autenticidade histórica de Arthur não será posta em questão até o período que se convencionou apontar como fim da Idade Média, conforme atesta sua presença em numerosas crônicas, em obras enciclopédicas, em Boccaccio etc.

logo após a saída dos romanos da Grã-Bretanha, ao longo do V ou VI século. A ampliação do valor e dos resultados dessa heroica resistência é que está nos alicerces do mito, conforme aparece em vários poemas galeses e, principalmente, em uma *Historia Brittonum* (*História dos bretões*), do monge galês Nennius, do século IX, que é quem chama Arthur de *dux bellorum* (chefe de guerra) e lhe atribui uma série de vitórias contra o inimigo, sendo a mais célebre a do Monte Badon (por volta de 518), onde o *dux* teria matado 160 inimigos de uma só vez. Até mesmo hagiografias do País de Gales evocam esse Arthur valoroso.

Mas são historiadores anglo-normandos posteriores que descreverão Arthur como rei dos Bretões, todos autores da primeira metade do século XII. Dentre eles, o mais célebre é Geoffrey de Monmouth, que na sua *Historia regum Britanniae* (*História dos reis da Bretanha*), de 1136, reconta em detalhes a vida, as aventuras guerreiras e a morte do rei – obra das mais conhecidas e citadas durante a Idade Média Central (e da qual seguramente se serviu Howard Pyle em suas pesquisas). A imagem que se oferece de Arthur é a de um soberano culto, centro de uma corte brilhante e civilizadora. Como essa *História* começa pela chegada dos troianos à Bretanha conduzidos por Brutus, filho de Eneias, e termina pela fuga dos bretões para a Armórica, para escapar à horda saxônica, foi quanto bastou para que se tornasse um *topos*, entre os romances² de cavalaria posteriores, fazer a ascendência do herói remontar estrategicamente à tradição greco-romana ou à arturiana para dignificação de sua linhagem. Na esteira desses poderosos artificios, o monge normando Wace reescreveu em versos a *Historia* de Monmouth e adaptou-a do latim ao francês – no seu *Roman de Brut* (por volta de 1155), longa narrativa que, além de tornar a história de Arthur mais acessível, por causa da língua, inventou a Távola Redonda e divulgou Excalibur como a imbatível espada do rei.

Também a Geoffrey de Monmouth se deve uma *Vita Merlini* (*Vida de Merlin*), de 1148 – tema que tão ardentemente mereceu as atenções de Howard Pyle –, onde se contam em detalhes o surgimento e o fim do reino de Arthur. Sua fonte de inspiração foi sem dúvida o lendário bardo galês Myrddin, ambíguo personagem de profeta, filho do Diabo mas agente de Deus na terra, homem selvagem que vive nos bosques e que, ao mesmo tempo, tem livre trânsito na corte, astrólogo e poeta, conhecedor do passado e organizador do futuro.

2. Romance, na Idade Média, significa o texto escrito em língua vulgar e não em latim, termo com sentido, portanto, completamente diferente do romance moderno.

Como se observa, nesta trajetória de ascensão e afirmação do mito, é muito tênue a fronteira entre história e ficção, confundindo o leitor e fazendo-o tomar por “verdade” aquilo que não é – pelo menos no plano da realidade factual, a que, não se perca de vista no entanto, essa fábula está umbilicalmente atada. Tão expressivo é o papel da literatura ficcional na intersecção de fontes, que se pode atribuir ao escritor francês Chrétien de Troyes (c.1135-c.1183) a identidade do Arthur que muitos conhecem. E os críticos são unânimes em considerá-lo “o inventor do romance arturiano”. Clérigo bem-informado, de largo trânsito cortesão e a serviço dos condes de Champanhe, Henrique I o Liberal e sua mulher Maria, Chrétien, com o rico beneplácito de seus senhores, deu asas à fantasia e acrescentou à tradição alguns elementos que, a partir de então, passaram a compor o modelo – imitado à exaustão – da gloriosa Cavalaria arturiana.

Entre 1170 e 1180, ele escreveu nada menos do que cinco célebres narrativas versando a “matéria de Bretanha”: *Érec et Énide*, *Cligès*, *Le chevalier de la Charrete* (*Lancelot*), *Le chevalier au Lion* (*Yvain*) e *Le Conte du Graal* (*Perceval*). Houve, ainda, um *Roman du roi Marc et d'Iseut la Blonde*, infelizmente perdido, em torno dos amores trágicos de Tristão e Isolda. Exímio narrador, dono de uma linguagem sedutora, atento às contradições de sua época, Chrétien cria heróis vivendo quase sempre situações-limite, entre suas obrigações guerreiras e o amor da dama ou a fidelidade vassálica devida ao rei. Os embates nunca são superados sem densos conflitos internos, o que credita ao autor também os esboços de uma psicologia individual,³ daquilo que se chamará mais tarde personagem, no âmbito estrito da criação literária.

Nesse belo rol, é preciso distinguir o *Perceval* ou o *Conto do Graal*, por duas razões: não só Chrétien morre antes de concluir o texto que propõe um enigma, como também adiciona ao arturiano outro mito não menos poderoso, o do Graal. No primeiro caso, apareceram depois numerosas “continuações”, todas procurando ou propondo uma “resposta” à pergunta que Perceval deixou de fazer quando, ao adentrar o castelo do Rei Pescador, viu o cortejo solene: “A quem serve o Graal?”; no segundo, a tradição céltica de um “caldeirão ou vaso da abundância”, essencialmente ligado à ideia de fartura e de alimentação, ou seja, o Graal (de *gradalis*, prato), veio para ficar na mitologia de Arthur, ense-

3. Tal como a entendemos hoje, a noção de “indivíduo” é posterior à Idade Média. (Ver, dentre outros, Aron J. Gourevitch, *La naissance de l'individu dans l'Europe médiévale*, Paris, Seuil, 1997.)

jando o motivo da “busca” – talvez a mais duradoura e simbólica das heranças cavaleirescas. Como se não bastasse, Chrétien ainda capta e funde uma antiqüíssima lição do folclore universal, com presença marcante nos contos de fadas, sobre o rapaz ingênuo que sai pelo mundo e que não pode deixar escapar a(s) oportunidade(s) de amadurecimento, sob pena de amargar pelo resto da vida as consequências de sua insensatez.⁴

A cristianização do mito

A essa altura, segunda metade do século XII, a lenda de Arthur já ganhara mundo e já se disseminara pela lírica trovadoresca, pelas crônicas, pela pintura, pela tapeçaria, pela iconografia e pela música – sempre em versões diferenciadas e nunca sem o atrativo pagão dos amores que transcendem as normas sociais. Estamos em pleno coração da Idade Média Central (séculos XI a XIII), e num momento em que a Igreja aplica todos os seus esforços na moralização dos costumes, papado e realza rivalizando em sua eficácia na conquista do poder e tentando estabelecer os limites entre a esfera espiritual e a terrena. O sinal mais evidente dessa disputa é a chamada Reforma Gregoriana,⁵ que propõe o retorno a uma Igreja primitiva, inspirada no modelo do próprio Cristo, e que pune com severidade qualquer espécie de heresia. Revê a legislação do casamento, da confissão, do batismo, prega o apostolado e a Paz de Deus⁶ – as Cruzadas (1095-1280) são uma de suas versões –, promovendo o surgimento da Ordem de Cister (1098), com seu interesse pelas guerras em favor da cristandade, e das “ordens mendicantes” (a Franciscana, em 1209; a Dominicana, em 1216), advogando em prol da pobreza.

Ao mesmo tempo, o êxodo do campo para a cidade, mudando o estilo de vida agrário para o urbano (com todas as consequências que daí adviriam), estimulou o crescimento de vilas e burgos, favorecendo o comércio interno e externo e

4. Esta obra de Chrétien de Troyes fez pelo menos dois herdeiros famosos: *Parzival*, do bardo alemão Wolfram von Eschenbach, composta de 25 mil versos e 857 estrofes, escrita na primeira metade do século XIII; e o não menos célebre *Parsifal*, de Richard Wagner, ópera pela primeira vez produzida em 1882.

5. Deve-se o nome ao papa Gregório VII (1073-85), que deu impulso ao movimento, embora não seja o seu idealizador.

6. “Paz de Deus” é como ficaram conhecidas as assembleias que, a partir do ano mil, se disseminaram por toda a Europa, convidando os povos às práticas penitenciais e à devoção aos relicários.

dando início a novas formas de enriquecimento. São criadas as universidades e, simultaneamente a elas, as línguas ditas “vulgares”, na expressão de Dante Alighieri, competindo com o latim na divulgação de um saber até então restrito aos clérigos letrados. A redescoberta de Aristóteles obriga a rever o império até então indiscutível do platonismo, relido por santo Agostinho para todo o Ocidente cristão. Nas cortes e nas grandes casas senhoriais, festas e saraus suntuosos põem em cena jogos, torneios, danças e cantos animados por trovadores e jograis, no intuito de divertir uma nobreza e uma “burguesia” ávidas por entretenimento.

Nesse contexto, de apelos fortemente antagônicos como se pode depreender, a “matéria de Bretanha” envereda por outros rumos – atingindo o ápice de sua desenvoltura e consagrando certos componentes que deitarão raízes pelos séculos afora. Mais especificamente, pelo menos até o século XVIII, contrariando aqueles que pensam ter Miguel de Cervantes encerrado a trajetória da ficção cavaleiresca com o seu *Dom Quixote de la Mancha*.⁷ Na passagem do século XII ao XIII, a lenda céltica e pagã do Graal como caldeirão mágico cristianiza-se e transforma-se no Cálice Sagrado, no Santo Vaso da Última Ceia no qual foi recolhido o Sangue de Cristo.

Tantos são os frutos dessas mudanças, criando ligações entre elementos de proveniências diversas, que a literatura arturiana vai se constituir em ciclos mais vastos, assinalando inclusive a passagem do verso à prosa – lembrando que é esta a linguagem da Bíblia, num evidente esforço dos autores (muitos deles anônimos) de conferir credibilidade a enredos tão fantasiosos e tão fluidos. Desse ângulo, é Robert de Boron (Howard Pyle cita-o como uma de suas fontes) o autor de uma trilogia em versos (entre 1191 e 1212) – *Li livres dou Graal* – composta por *Joseph, Merlin* (fragmentado) e *Perceval*, este último conhecido apenas por versões em prosa. Na sequência dos três, parte-se das aventuras de José de Arimateia como guardião do Graal até a destruição do reino de Arthur, que não soube honrar o Cálice Santo. Está pronta para germinar a semente de uma cavalaria de espécie agora celestial, sem perder suas matrizes pagãs.

Entre 1215 e 1235, surge o admirável ciclo cuja versão mais conhecida foi denominada *Vulgata*, composto de cinco títulos que passaram à posteridade também como *Lancelot-Graal*, sugerindo a evidente articulação entre o Graal e a história dos amores proibidos de Lancelot e Guinevere. São eles: *Estoire del*

7. O leitor interessado no assunto pode consultar o importante levantamento feito por Aurelio Vargas Díaz-Toledo com respeito a Portugal: *Os livros de cavalaria portugueses dos séculos XVI-XVIII*, Ilha da Madeira, Pearlbooks, 2012.

Saint Graal (retoma o *Joseph* de Boron); *Estoire de Merlin* (também assentada em Boron); *Lancelot du Lac* – núcleo e parte mais ampla do ciclo; *Queste del Saint Graal* (confere a Galaaz, e não mais a Perceval, o papel de herói do Graal); *Mort Artu* (é descoberta a traição de Lancelot, dissolve-se a cavalaria arturiana e extermina-se o reino). Da condensação dessas obras nasce um novo ciclo (antes de 1250), a *Post-Vulgata*, composto de três títulos (*Estoire del Saint Graal*, *Merlin*, *Queste del Saint Graal*), sendo que de uma versão tardia deste último deriva a *Demanda do Santo Graal*, em português – que conhecemos através de um pergaminho já do século XV. Aqui, neste ciclo, que ainda amalgama temas do *Tristan en prose* (século XII), dominam o rigor do ascetismo, a condenação dos pecados da carne e as promessas de salvação.

Uma vez que, conforme apontamos, o Renascimento dos séculos XV e XVI não pôs fim ao interesse pelas narrativas arturianas e cavaleirescas – muito pelo contrário, apropriou-se delas para ilustrar seus sonhos expansionistas de heroísmo e de glória no período dos Descobrimentos –, convém lembrar *A morte d'Arthur*, do inglês Sir Thomas Malory (outra leitura indiscutível de Howard Pyle), impressa em 1485 para o rei Henrique VII da Inglaterra; e também o *Memorial das proezas da segunda Távola Redonda*, do português Jorge Ferreira de Vasconcelos, de 1567, dedicada, laudatoriamente, ao futuro D. João III, num momento em que Portugal domina os mares.

Cavalaria e feudalismo

Se, portanto, no trato com a “matéria de Bretanha” é necessário estar atento a essa evolução para situar o mito de Arthur nos parâmetros temporais, geográficos e textuais que lhe são devidos, o que dizer da Cavalaria? Qual a relação dela com a era feudal, cujo modelo “clássico” vem à luz justamente na Idade Média Central, entre os séculos XI e XII? As perguntas têm sua razão de ser, porque aqui, mais do que nunca, realidade e ficção se entrelaçam, fazendo com que a simples menção da palavra “cavalaria” traga à memória imagens de combatentes modelares como Arthur – hoje grandemente influenciadas pelos épicos do cinema.

Em sua origem, “cavalaria” (e não ainda “Cavalaria”, como estamento social) tem sentido puramente militar: indica guerreiros armados, admitidos geralmente por um senhor de terras, com vistas à proteção de seus domínios, pela qual o contratante se obriga ao sustento do contratado e este, ao cumprimento fiel de seu serviço. Os textos latinos chamam *milites* a esses recrutas que são,

antes de tudo, soldados (mais tarde, a literatura românica os tratará por *chevaliers*). Por isso, é impensável falar em “cavaleiros” sem referir implicitamente o exercício das armas e a destreza no manejo do cavalo, pois os *milites* passaram a *equites* (cavaleiros) na composição dos exércitos, conforme também crescia o poderio dos grandes – ou, seria melhor dizer, dos castelões, dos senhores feudais.⁸

Muitos historiadores apontam o reinado de Carlos Magno (c.742-814) como um divisor de águas no fortalecimento da cavalaria e no seu encaminhamento para a aristocratização, até que, lá pelo fim do século XII, a Cavalaria, já institucionalizada, apareça como expressão militar da nobreza, que lhe empresta sua ideologia – inclusive por força da conjuntura vivida pela Igreja em sua incansável luta contra o infiel e na proteção dos lugares sagrados de Jerusalém. Desde o século X, vai ficando difícil entrar para a corporação, e até reis e príncipes são filtrados em um rigoroso processo de admissão, com regras específicas para uso do complicado armamento e da montaria nos combates, bem como rituais de verdadeira “iniciação” do neófito.⁹ Cite-se, por exemplo, a cerimônia do “adubamento” ou “investidura” (também mutável ao longo dos tempos), quando eram entregues oficialmente a indumentária das armas e o equipamento que fazia de alguém cavaleiro, pressupondo a noite de vigília e o juramento de fidelidade, feito sobre uma *res sacra*, em geral a Bíblia.

Por volta dos séculos XII e XIII – justamente no apogeu da cristianização do mito arturiano – um cavaleiro não é pois apenas um guerreiro a cavalo, mas membro reconhecido da aristocracia, envolvendo inclusive questões de “linhagem”. Pertence a um *ordo militum*, com deveres de proteção e defesa da Igreja e do rei, aos quais está ligado por laços ritualísticos de “vassalagem”, ou seja, de fidelidade e obediência. Curiosamente – e agora já no plano da ficção – a poesia dos trovadores medievais (que floresceu também entre os séculos XII e XIII) está impregnada desse imaginário feudalizante: a dama substitui o senhor nas obrigações impostas ao súdito/amante, o qual tem que “provar” a ela, a todo instante, a “sinceridade” e a extensão de seu amor. Conforme testemunham principalmente as cantigas de amor,¹⁰ essa complicada relação amorosa é do

8. Depois da era carolíngia, estabeleceu-se no Ocidente uma nova sociedade, denominada feudal, caracterizada pelo declínio do poder central, sobretudo na França, e pelo desenvolvimento dos principados e das castelhanias.

9. O leitor interessado no assunto pode consultar um importante documento de época, escrito entre 1279 e 1283: Ramon Llull (Raimundo Lúlio), *O livro da Ordem de Cavalaria*, São Paulo, Giordano, 2000.

10. Cantiga de amor: uma das formas de expressão mais típicas do lirismo medieval galego-português. Derivada da *cansó* occitânica, mas mais condensada (poemas de três ou quatro

tipo regido pela cortesia¹¹ – termo caro a Howard Pyle –, derivação ampliada do assim chamado “amor cortês”:¹² mais do que uma expressão de afetos entre duas pessoas que se gostam, a cortesia tem profundos vínculos morais e pressupõe a elevação espiritual do par através de laços que, por isso mesmo, estão além da vida e da morte.

II. DO PASSADO AO PRESENTE

Pode-se dizer que Howard Pyle esteve de olho na polissemia do mito arturiano e na amplitude de suas vertentes. Também ele escreveu, a seu modo, uma espécie de tetralogia cíclica, cujo primeiro título é este que o leitor tem em mãos: *A história do rei Arthur e seus cavaleiros* (1903), *A história da Liga dos Cavaleiros da Távola Redonda* (1905), *A história de Sir Lancelot e seus companheiros* (1907), *A história do Graal e a morte de Arthur* (1910). Sendo assim, obrigamo-nos às mesmas perguntas que atrás propusemos, sob pena de avaliarmos mal o nosso texto: quem é esse autor? A que público se destina? De que Arthur ele fala?

Informações biográficas

Howard Pyle nasceu em Wilmington, no estado americano de Delaware, em 5 de março de 1853, e morreu em Florença, Itália, em 9 de novembro de 1911. Desde 1682, seus ancestrais haviam se estabelecido em Brandywine Valley, como imigrantes quacres¹³ vindos da Inglaterra. A casa dos Pyle era no campo, fora da então pequena cidade, cercada por idílica paisagem e por jardim florido, muito presentes em sua imaginação infantil. Acrescente-se o incentivo da mãe, desde cedo, para as boas leituras: foi ela quem lhe apresentou os contos de fadas dos irmãos Grimm, as *Mil e uma noites*, *Robinson Crusóé*, os poemas sobre Robin

estrofes, em versos redondilhos), expressa o amor quase nunca correspondido do trovador por sua Senhora.

11. “Cortesia” é, na Idade Média, o derivado mais amplo do chamado “amor cortês” (ver nota seguinte): indica severas regras de comportamento social, baseadas em princípios éticos e morais. Modernamente, “cavalheirismo”, “gentileza”, “boa educação” são sinônimos de “cortesia”.

12. A expressão mais adequada seria “amor cortesão” (i.e., “da corte”), já que o sentimento referido se desenvolveu e tomou forma nos meios aristocráticos.

13. Movimento protestante britânico do século XVII, também conhecido por Sociedade Religiosa dos Amigos. Prega o pacifismo e a simplicidade.

Hood e outras obras do mesmo quilate, todas elas muito bem ilustradas. Começava aí, segundo seus biógrafos, o gosto de Pyle por criar quadros extraídos de fontes literárias.

Porque é preciso enfatizar: Howard Pyle tornou-se célebre, na América do Norte e fora dela, muito mais como ilustrador de livros infanto-juvenis do que como escritor. Especificamente, ele escrevia para poder ilustrar seus próprios textos. Ainda nos primeiros anos escolares, a família percebeu o desinteresse do rapaz pelos estudos (“passava as horas desenhando em classe”¹⁴) e, quando o pai resolveu suspender seu aprendizado, a mãe sugeriu que ele fosse estudar arte. Então, aos dezesseis anos, principiou uma etapa de três anos na Filadélfia com o artista belga Van der Weilen – na verdade, o único, mas sólido, treinamento sistemático que ele recebeu sobre a técnica do desenho. Foi quanto bastou para que montasse um pequeno estúdio em casa, em Wilmington, trabalhando nos negócios de couro do pai até decidir-se por uma carreira. Assim esteve pelos próximos cinco anos, sempre se exercitando com lápis, tinta, guache e óleo, dentre outros recursos.

Na primavera de 1876, fato marcante, Pyle fez uma viagem à costa da Virgínia, a Chincoteague Island, para assistir a um famoso rodeio anual de potros selvagens. Tão vivamente impressionado ficou com tudo o que viu, que tomou notas, fez vários desenhos e projetos de artigos, já em casa, submetendo-os mais tarde, junto com outros trabalhos em prosa e em verso, a diferentes jornais e periódicos especializados em publicações para crianças, como o *St. Nicholas*. Foram aceitos, apareceram os primeiros pagamentos, e os editores, entusiasmados, aconselharam a família a investir no rapaz.

Foi o que se fez, e no mesmo ano de 1876 Pyle partiu para Nova York, onde ingressou na Art Students’ League, buscando aperfeiçoar seus desenhos de figuras humanas. Ao mesmo tempo, continuou produzindo textos e pinturas para diferentes casas editoriais, até que o encontro com a Harper and Brothers, então uma das maiores editoras do país, deu início à carreira verdadeiramente profissional do artista, num suceder de numerosos trabalhos. Quando, em 1879, seus amigos começaram a debandar, Pyle decidiu retornar a seu estúdio doméstico em Wilmington, certo de que o contato com a Harper não o deixaria sem encomendas, como de fato aconteceu. Em 1881, o autor e ilustrador casou-se com Anne Poole.

Durante várias férias de verão os Pyle foram para perto do mar, em Rehoboth Beach, Delaware, onde, segundo consta, ambos imergiam na leitura de lendas

14. Henry C. Pitz, *The Brandywine Tradition*, Boston, Houghton, Mifflin, 1969, p.42.

sobre piratas e tesouros enterrados, de que resultaram algumas obras-primas ilustrando o tema (Merle Johnson reuniu artigos, narrativas e ilustrações em *Howard Pyle's Book of Pirates*). Tão belos e cheios de detalhes são esses retratos, tão precisos imagetivamente, que chegaram a inspirar a caracterização do Capitão Jack Sparrow, personagem vivido pelo ator Johnny Depp em *Piratas do Caribe*.

Em 1894, aos 41 anos, Pyle ingressa no Drexel Institute of Arts and Sciences, na Filadélfia, agora como professor de ilustração, enveredando por este novo caminho que o absorveria até o fim da vida. Suas aulas tiveram enorme sucesso, porque propiciavam exercícios ao ar livre e estimulavam a imaginação, contra as práticas puramente imitativas. Quando, por força dessa rica experiência, funda sua própria escola em Wilmington – a Howard Pyle School of Art –, baseia-se em princípios estéticos muito claros, que expõe em carta ao amigo editor da Harper: “Não aceitarei estudantes com deficiências em um dos três critérios: primeiro, imaginação; segundo, habilidade artística; terceiro, cor e desenho.” Resultado desse alto nível de exigências é a numerosa lista de ilustradores e pintores talentosos formados pela escola de Pyle, como Stanley Arthurs, Clifford Ashley, William Aylward, Elizabeth Shippen e tantos outros.

Mas o incansável e inquieto professor resolveu, em 1905, dedicar-se à pintura mural, como forma de ilustrar edifícios públicos (em Minnesota, em Nova Jersey). Por conta desse novo interesse, Pyle embarcou para a Itália, em 1910, a fim de estudar ali, berço da Renascença, com os grandes mestres do desenho. Já não estava muito bem de saúde e passou mal durante maior parte da viagem. Insatisfeito com Roma, ele e a mulher foram para Florença, onde veio a falecer, de uma infecção renal.

Intensamente produtivo, Howard Pyle ilustrou cerca de 3.500 publicações, muitas das quais de sua própria autoria, duzentos artigos de revistas e jornais e dezenove livros. O seu texto mais famoso, para além da série arturiana, é *As aventuras de Robin Hood* (1883), glosado para diversas faixas etárias ao longo dos anos e transformado em animação infantil pelos Estúdios Disney. Citem-se, ainda, *Otto da mão de prata* (1888) e *Homens de ouro*, que também virou filme, em 1954.

Um olhar para cada tempo

Muito elucidativa é a afirmação de Pyle, em uma carta ao diretor do Drexel Institute: “Não conheço melhor legado que um homem possa deixar ao mundo do que ter ajudado outros a trabalhar em uma arte tão bela como esta [a ilus-

tração], a qual devotei minha vida.” Nessa confissão, que expõe abertamente uma paixão manifesta desde a infância, temos uma das indicações importantes para compreender o complexo mito arturiano segundo a óptica de Howard Pyle.

Em primeiro lugar, a “matéria de Bretanha”, à qual ele dedicou quatro volumes, oferecia riquíssimas sugestões à sua imaginação pictórica – a ele, que tanto a defendeu: cavaleiros com esplêndidas armaduras, escudos de armas bem timbrados, damas suntuosamente trajadas, fadas de uma beleza irreal, festas e torneios reunindo multidões, paisagens exuberantes e natureza paradisíaca, castelos majestosos e submersos em lagos misteriosos, animais soberbos, criando um mundo literário de tipo idealizado (da mesma forma que o era, em outro contexto, o da Idade Média) muito mais afeito ao universo da criança ou do jovem que ao do adulto. Suas personagens são aquelas que a crítica literária moderna convencionou chamar “planas”, ou porque não evoluem em sua complexidade interior ou porque esta se resolve sem maiores complicações – aqui no caso, em uma “justa” de corpo a corpo com o adversário, por um empecilho passageiro como o desafeto do contendor, ou a “birra” da mulher amada por não ter sido “servida” conforme o esperado. Desse ângulo, em muitas passagens o poderoso Rei Arthur comporta-se, por exemplo, como o alegre e irreverente herói-bandoleiro Robin Hood, em suas tramoias na floresta de Sherwood contra o maldoso xerife de Nottingham. É o que acontece em uma das aventuras com os quatro gloriosos cavaleiros da Távola Redonda (como os Três Mosqueteiros?) – Sir Geraint, Sir Gawaine, Sir Ewaine e Sir Pellias (cf. cap. IV) – obrigados pelo rei, então oculto por um disfarce e divertindo-se a valer, a uma série de deveres e compromissos considerados desonrosos para a Cavalaria.

Não só o teor metafórico e fantasista desse imaginário, cultivado ao longo de séculos, atraiu Pyle; as implicações morais dele falaram de muito perto aos objetivos pedagógicos do educador – do mesmo modo que, na Idade Média, as “histórias de proveitos e exemplo” visavam a corrigir o comportamento do ouvinte e a fazê-lo merecer a graça de Deus. O livro está todo recheado de aforismos e conselhos de inspiração cristã, sendo comum – como também nas novelas de cavalaria quinhentistas – concluir partes e capítulos da seguinte maneira:

Assim termina a história da conquista de Excalibur, e que Deus permita que nas suas vidas vocês tenham a verdade Dele para auxiliá-los, como uma espada re-

15. Não se percam de vista as iluminuras que ilustravam os textos medievais, principalmente aqueles dedicados ao papado e à nobreza ou por ambos subvencionados.

luzente com que possam derrotar seus inimigos. E que Ele lhes dê Fé (pois a Fé comporta a Verdade da mesma forma como a bainha comporta sua espada), e que essa Fé cure todas as feridas do sofrimento como a bainha de Excalibur curava todas as feridas daquele que usasse essa excelente espada. Pois com a Verdade e a Fé afiveladas ao corpo, vocês poderão travar todas as suas lutas como aquele antigo herói que os homens chamaram de Rei Arthur.

Em segundo lugar, embora tenha morrido na primeira década do século XX, Howard Pyle é um escritor do século XIX. Viveu, portanto, as tendências literárias de romantismo/realismo/simbolismo – quaisquer que sejam as especificidades dos três movimentos em seu país. Se, de um lado, a poesia e a ficção oitocentistas se caracterizam pela subjetividade, pelo confessionalismo, pelo escapismo de fundo naturalista, pelo gosto do horror e do macabro, pelo uso de uma linguagem simbólica e evanescente – todos indícios de sua pretensa oposição às tendências classicizantes dos períodos anteriores, não há que esquecer, por outro lado, o panorama político que lhes serve de pano de fundo: a passagem do século XVIII ao XIX é o momento das grandes revoluções libertárias (na França, na Inglaterra, na Península Ibérica, nos Estados Unidos, no Brasil), das declarações de independência (a americana é de 1776), da afirmação de individualismos vários e da ascensão de uma classe nova de burgueses, trazendo consigo profundas transformações sociais. Na imaginação de todos explodem os heroísmos e os sonhos de uma nova era, em que a igualdade entre os homens deixará de ser utopia (quem não se lembra do emblemático quadro de Eugène Delacroix, *A Liberdade conduzindo o povo*, de 1830?).

É o século do romance histórico – tão compatível com a infância de Pyle – a que os americanos Washington Irving (1783-1859), James Fenimore Cooper (1789-1851), Nathaniel Hawthorne (1804-1864), Herman Melville (1819-1891) e o célebre inglês Walter Scott (1771-1832) deram sua forma mais acabada. A eles e aos românticos em geral se deve uma visão muito própria de uma certa Idade Média, que foram resgatar das falsas “trevas” às quais a condenara o racionalismo cientificista posto em moda com o Expansionismo Marítimo e seu orgulho já de feição “moderna”. Se, por um lado, prestaram ao medievalismo o serviço da credibilidade numa existência pujante de pelo menos dez séculos que obrigatoriamente deviam ser revistos, por outro, reduziram a Idade Média a estereótipos, por isso mesmo unilaterais – o do guerreiro nobre que dá a vida por uma causa; o da amada que o manipula a seu bel-prazer; o do inimigo que é sempre contrário à fé católica; o de uma Igreja imersa em interesses puramente

materiais; o de uma população ignorante conduzida para lá e para cá, à mercê dos desmandos de senhores prepotentes; o de uma disputa sem tréguas pelo poder; o de entes sobrenaturais que aliviam as misérias dos homens. Matéria fascinante para o cinema, que seria inventado justamente no fim do século XIX (é de 1895 a primeira projeção de um filme em Paris, feita pelos irmãos Lumière).

Finalmente, o texto

Temos, portanto, que do século XX Howard Pyle olha para os séculos XII e XIII e faz deles a leitura que lhe ditam as suas inclinações pessoais, a sua formação intelectual e os interesses de seu tempo. O tema escolhido para esse “deslocamento” de sete séculos foi a mitologia arturiana, cujo centro irradiador está localizado na Idade Média Central.

Impossível delimitar com precisão suas fontes. Ele próprio cita apenas duas: além de Robert de Boron, conforme apontamos, fala igualmente de “um certo livro em francês e chamado *Ogier Le Danois*”, poema em doze cantos que faz parte da “matéria de França”, referente ao “ciclo carolíngio”, narrativas em torno de Carlos Magno. Porém, basta atentar para os títulos de sua tetralogia e verificar que Pyle acompanhou Arthur do nascimento à morte e à destruição de seu reino – indício claro de que ele teve em mãos, se não os textos de Chrétien de Troyes ou os da *Vulgata*, as reescrituras deles, como o anônimo *Perlesvaus, li hanz livre du Graal* (*Perlesvaus ou O alto livro do Graal*) do século XIII, e principalmente Sir Thomas Malory, dentre outros.

Para o primeiro livro de sua saga arturiana, Pyle restringiu-se ao nascimento, sagração e casamento de Arthur com Guinevere (Livro I), o que inclui a importante participação do mago Merlin, trajetória que ele resolveu em seguida recheiar com a descrição das façanhas de alguns “notáveis” da Távola Redonda (Livro II). A estrutura desse conjunto, em que os episódios se vão somando – e podem estender-se desmesuradamente – ligados pelo fio do enredo central, é possível porque se trata do gênero novelesco, firmado justamente com a ficção cavaleiresca medieval, das canções de gesta aos romances. Foi isto que atraiu Howard Pyle: a multiplicidade de aventuras vividas pelos guerreiros de Arthur, cada uma com princípio, meio e fim em si própria, como se fossem contos singulares. Neste sentido, compreende-se perfeitamente a promessa que ele faz na Conclusão deste volume: “E agora, se Deus me der essa graça, daqui a algum tempo, mas não muito, escreverei o resto da história de vários outros cavaleiros

notáveis de quem ainda não falei.” Donde se deduz que ele poderia contar os feitos de outros 150 “grandes homens” – porque esse é o número, na maioria das versões, dado como “oficial” de membros da Távola famosa.

Por isso, o leitor mais familiarizado com a “matéria de Bretanha” pode sentir falta, aqui, de nomes exponenciais como os de Percival, Lancelot, Boorz ou Galaaz, ou mesmo do mito do Graal: estão reservados para mais tarde, para os outros livros da série. Por agora, importam as origens do reino arturiano, concebido sob as tramoias de feiticeiros e fadas. Dramas cruciais – como o de Lancelot, apaixonado por sua rainha e duas vezes traidor de seu rei; como o de Galaaz, tentado na carne pela filha de Brutus e sendo obrigado a preservar sua pureza angélica; como o de Percival, que quase sucumbe às artimanhas do Demônio; ou como o de Boorz, que peca por não ter resistido – rol de paradoxos que metaforiza dualidades e contradições de uma Idade Média dividida entre o Bem e o Mal – ainda não estão nos horizontes de Howard Pyle.

Mas ele conhece muito bem, aficionado pelo assunto, o valor de uma aventura, o sentido que lhe dava o homem do medievo. “Aventurar-se” é bem mais do que sair sem rumo – daí vem a expressão “cavaleiro andante” – atrás de acontecimentos que possam acrescentar honra e glória ao combatente; na verdade, cada obstáculo é uma “prova”, um teste de valor, que julga não apenas a força física, como também as qualidades morais do guerreiro. É dessa perspectiva que a “busca do Graal” se tornou um dos mais poderosos símbolos da espiritualidade medieval: as dificuldades são de tal ordem que os luxuriosos cavaleiros de Arthur passam por verdadeiras “provações”, nelas condenando-se ou por elas salvando-se na mira do inatingível Vaso Sagrado. Não importa a identidade do inimigo – real ou fantástico –, desde que permita ao adversário testar-se e à própria capacidade de resistência. É o que faz dele um herói.

O lugar ideal para a realização desses grandes feitos é sempre o interior de uma floresta, a beira de um lago, o alto de uma montanha ou algum castelo inacessível – espaços de recolhimento e meditação, propícios a rituais de iniciação no exercício da valentia ou na aquisição de conhecimento.¹⁶ Observe-se, aqui, que as lutas com o Cavaleiro Negro, as perseguições ao cervo branco ou a revelação dos segredos de Merlin a Vivien acontecem em alguma clareira perdida no interior de algum bosque longínquo; à saída, ninguém volta como entrou,

16. Convém observar que, como em qualquer novela de cavalaria, Pyle trabalha com uma ampla geografia, que inclui referências a espaços reais – Londres, Cornualha, País de Gales, Escócia, Nortúmbria, Caerleon etc. – e a espaços fictícios – Camelot, Tintagalon, Vale das Delícias, Floresta da Aventura, Avalon etc.

porque sai modificado, para melhor ou para pior. O modelo é também bíblico: não foi na solidão do deserto que Cristo passou por uma de suas mais terríveis tentações, assediado pelo Demônio?¹⁷

Pyle está mais interessado na horizontalidade e na multiplicidade dessas aventuras do que na verticalização delas, o que parece coerente com a natureza e os objetivos de sua escrita. Procura reconstituir a Idade Média através de uma linguagem de teor arcaizante (difícil de transpor para outra língua), a qual serve, no entanto, a personagens que falam não raras vezes como homens e mulheres do século XX: estão nesse caso, de maneira muito nítida, certas reações de Lady Guinevere (por exemplo, ao sentir-se desrespeitada por Sir Gawaine), de Sir Pellias (ao submeter-se a uma série de humilhações para defender a Rainha) ou mesmo de Arthur (no comando de alguns de seus subordinados). Nesses instantes, Pyle ignora a rigorosa hierarquia das relações nobiliárquicas medievais e privilegia puramente a ação, como nas narrativas românticas “de capa e espada”.

Dois motivos da “matéria de Bretanha”, estreitamente entrelaçados e distribuídos ao sabor das “aventuras”, compõem o enredo: a história de Arthur até seu casamento com Guinevere e a história de Merlin e seu amor por Vivien. De um lado, o rei e o feiticeiro têm uma trajetória comum, já que a este aquele deve o seu nascimento e a constante proteção de seu reino; de outro, a biografia individual do próprio Merlin, com a sua dramática e polissêmica paixão. Entre as duas facetas, o mundo das fadas – para onde Pyle parece fazer convergir seu olhar mais cobiçoso. E uma vez que ele focaliza a formação da corte arturiana nos seus primórdios, escolhendo apenas os primeiros cinquenta membros da Távola Redonda, esses cavaleiros formam como que uma grande família, com a qual o leitor vai se sentindo à vontade e não estranha, portanto, quando Merlin, Pellias e Gawaine são beneficiados como exemplos de “notáveis”, a falar pelos demais. Tampouco estranha, ainda, quando aparecem certas confusões de nomes, de caráter das personagens, de identificação das armaduras – apontando um narrador que a crítica moderna convencionou chamar de “suspeito”.

Reconheçamos que esse narrador apaixonado escolheu esplendidamente, nos interstícios do mito, os núcleos dramáticos de que iria tratar. São importantes, no nascimento e ascensão de Arthur, todas as artimanhas “mágicas” que marcaram sua vinda ao mundo e a constituição de seu reino: o amor proibido de Uther-Pendragon por Igraine, mulher e depois viúva do Duque Gerlois, vassalo do rei, graças ao antiquíssimo estratagema de troca de personalidades por efeito

17. Luc, 4, 1-13.

de magia;¹⁸ a meio-irmandade de Morgana, fada má que perseguirá o irmão por despeito, por sentir-se preterida; a infância incógnita – recurso clássico dos contos de fadas – criado por Sir Ector como filho, sem saber de sua ascendência nobre; as circunstâncias que levaram o jovem ingênuo – como o Perceval de Chrétien de Troyes – a retirar da pedra a espada nela enterrada e a sagrar-se rei por meio desse feito miraculoso; a aquisição espetacular de Excalibur, a espada oferecida pela Dama do Lago; a ocupação do “assento perigoso”, mostrando, dentre os demais assentos, uma corte de eleitos.

Todos estes temas estarão muito vivos e serão recriados pela literatura novelesca posterior à Idade Média. Mas importa enfatizar que o que faz de Arthur o rei ungido, o rei “escolhido” é o seu vínculo inquebrantável com Merlin e o maravilhoso¹⁹ domínio das fadas, comandado por Nymue, a principal Dama do Lago. Ou seja, ele é “predestinado” a rei, com uma missão específica; uma vez cumprida, é recolhido de volta ao lago misterioso, em uma barca, e conduzido à ilha de Avalon. Este é o fundamento de um dos afluentes mais ricos do mito arturiano: sua feição “messiânica”, a ideia de que, tal qual o Messias bíblico e as promessas apocalípticas, um dia ele há de retornar para reocupar o seu lugar. Que lugar seria este? À frente de um povo carente de sua bravura indômita, de seu heroísmo – ou seja, a serviço de quaisquer causas que impliquem espera (ou esperança), em qualquer tempo, mas sempre plantado na História. Por isso é mito.

O segundo núcleo dramático é o *affair* entre Merlin e Vivien – casal que, ao lado de Lancelot/Guinevere e Tristão/Isolda, representa a tragédia do amor insolúvel, obrigatoriamente conduzindo à morte. Cantado por poetas como Dante Alighieri, que atribuiu ao mau exemplo adúltero de Lancelot e Guinevere o fim desgraçado de Francesca da Rimini e seu amante Paolo Malatesta (1286), esse tipo de “amor impossível” trouxe a derrota para um mago como Merlin, senhor do passado e do futuro, com poderes simultaneamente demoníacos e angélicos. Pyle soube avaliar a dimensão desse sentimento: capaz de moldar as diretrizes de um reino e de eleger um rei; capaz de interferir no curso dos acontecimentos, por saber de antemão o desfecho deles; capaz de se fazer respeitar e ouvir por todos os poderosos inclusive de condados vizinhos – Merlin sucumbiu, no entanto, aos artifícios de uma

bela menina de apenas quinze anos, perfeita encarnação da Mulher perigosa contra a qual a misoginia medieval tanto vociferou. E o pior é que, ironicamente, foi ele próprio que cedeu a ela os instrumentos para derrotá-lo, ao confiar-lhe segredos ancestrais, há séculos em mãos dos druidas²⁰ célticos e transmitidos apenas por via oral. Enterrado vivo – porque o único futuro que não lhe fora dado prever era o seu –, Merlin ainda implora a Vivien que cerceie os planos maléficos de Morgana e impeça a iminente queda de Arthur. Ainda um gesto de grandeza coroa o epílogo miserável.

Diante desses homens extraordinários, cabe indagar: por que Howard Pyle incluiu entre eles Sir Pellias e Sir Gawaine, para além do fato óbvio de serem também membros da Távola Redonda? O primeiro tem seu nome entroncado na família do Rei Pescador – portanto, da nobre linhagem do Graal –,²¹ e o segundo é o mais famoso sobrinho de Arthur, com lugar de destaque na *História* de Geoffrey de Monmouth.²² Contudo, o que parece ter atraído a óptica muito específica de Pyle – conforme vimos demonstrando – é o fato de ambos, Pellias e Gawaine, estarem tão próximos do mundo das fadas ou de com ele se comunicarem com facilidade. Desse ângulo, os dois vivem saborosas “aventuras”, cheias de intercorrências fantasiosas, de largo parentesco com outras formas de linguagem artística.

Tudo o que acontece com Sir Pellias, o Cavaleiro Gentil, decorre do colar mágico que lhe deu uma Dama do Lago: disposto a defender a beleza de Lady Guinevere contra outra não menos decantada, a de Lady Ettard, Sir Pellias trava várias lutas, vence o Cavaleiro Vermelho – Sir Adresack –, liberta 22 prisioneiros de um castelo, vence o Cavaleiro das Mangas Verdes – Sir Engamore –, mas não resiste aos apelos de Lady Ettard e cede-lhe o colar mágico (mais uma versão de Merlin/Vivien?). Foi quanto bastou para ser submetido a uma série de humilhações, das quais quis salvá-lo Gawaine (os enredos encontram-se), mas também cai sob o mesmo feitiço e fica a um passo da traição. Só quando a Dama do Lago toma de volta o colar mágico é que cessa o feitiço, e o desfecho da aventura é completamente inesperado: Pellias e a Dama apaixonam-se um pelo outro, entram no lago a cavalo e desaparecem nas águas, possibilidade antes experimentada apenas por Lancelot, deixando às margens um Gawaine em prantos.

18. Recorde-se, na comédia de Plauto (255-184 a.C.), que Alcmena, mulher de Anfitrião, dorme com Júpiter, que tomara a forma de seu marido.

19. O termo está sendo tomado no sentido medieval de *mirabilia*, conforme estudado por Jacques Le Goff, *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*, Lisboa, Edições 70, 1985, p.19-37.

20. Antigos membros de classe sacerdotal na Bretanha, na Irlanda e na Europa céltica.

21. O assunto é vasto e foge aos moldes desta Apresentação; o leitor interessado pode consultar Carlos Alvar (org.), *Diccionario Espasa de leyendas artúricas*, Madrid, Espasa-Calpe, 2004.

22. Convém assinalar que Howard Pyle hesita no traçado do caráter de Gawaine, ora um cavaleiro cheio de soberba e vaidade, ora um fiel vassalo de Arthur. Tal oscilação tem sua razão de ser, dependendo da fonte de que se serviu o autor para recriar a personagem.

Ou seja, o cavaleiro Sir Pellias transformou-se em fada: “estava branco como mármore e seus olhos brilhavam como joias incrustadas em mármore, e havia um sorriso nos seus lábios que não aumentava nem diminuía, mas ficava sempre igual.” É a descrição etérea que Pyle faz da bela população feminina habitante das profundezas aquáticas.

Na Parte III, relativa a Gawaine, as peripécias dizem respeito muito mais ao Rei Arthur do que a seu sobrinho, um desafeto de Guinevere e por ela expulso da Corte. Perdido na floresta, Arthur cai em mãos de um feiticeiro, que tem sua cabeça cortada pelo adversário, mas que a recoloca no lugar e, em réplica, propõe ao rei um desafio: sua vida será mantida por mais um ano, desde que, ao término desse prazo, ele retorne e dê ao feiticeiro a resposta a um enigma – “O que é que as mulheres mais querem neste mundo?” A resposta lhe é fornecida quando, em suas andanças e quase na data estabelecida, ele encontra uma senhora muito velha e feiíssima, que lhe dá a solução – “O que as mulheres querem é que façam as suas vontades” – mas exige em troca uma recompensa: deseja casar-se com o cavaleiro da Távola Redonda que ela escolher por marido. O rei concede, vence a batalha e mata o feiticeiro; a dívida é então cobrada e a “velha” escolhe unir-se a Gawaine, que se torna alvo de chacotas, até que, ao fim, ele descobre, feliz, ter-se casado com outra belíssima Dama do Lago, disfarçada em velha andrajosa.

Os leitores habituados às narrativas dos contos de fadas e ao repertório de tradições folclóricas terão reconhecido alguns estereótipos inseridos por Howard Pyle na matéria arturiana: 1) o mistério do cavaleiro sem cabeça talvez tenha sido extraído de um conto de Washington Irving, “A lenda da caverna adormecida” (1820), dos mais antigos da ficção norte-americana e oriundo, segundo se acredita, do folclore germânico;²³ 2) a velha feia que, à beira da estrada, aborda o transeunte e oferece-lhe a solução de suas aflições corresponde à chamada “figura tutelar” – aquela que protege o protagonista e garante seu sucesso pela vida afora (recordem-se as fábulas dos irmãos Grimm); 3) a recompensa do herói que aceita casar-se com uma espécie de monstro, vencendo a própria repulsa, concordando em humilhar-se ou mesmo apaixonando-se (“A princesa e o sapo”, “A Bela e a Fera” etc.), é a de ser feliz para sempre ao lado do príncipe ou princesa antes camuflado(a) sob a máscara horrível; 4) quando Gawaine, já casado, é testado novamente – a “velha” só poderá aparecer “bela” em um dos períodos, ou o dia ou a noite – e ele tem que fazer uma “escolha”, lá somos de

23. Sob direção de Tim Burton, o mesmo Johnny Depp estrela, em 1999, o filme *A lenda do cavaleiro sem cabeça*.

novo reenviados para uma lenda do século XII, de que o filme *O feitiço de Aquila* (1985) apresenta aliciente versão: o bispo de Aquila fica sabendo que sua amada, Isabeau, está apaixonada pelo cavaleiro Etienne Navarre, e lança sobre o casal a cruel maldição: de dia, ela será um falcão; à noite, ele será um lobo, impedidos, portanto, de encontrar-se, pelo risco da mútua destruição.

Para encerrar, essa pujante imaginação, que Howard Pyle revelou como a sua mais acalentada qualidade intelectual, criou uma obra antes de tudo “visual”, cuja plasticidade não se circunscreve apenas aos desenhos que a ilustram ou à pompa das vestimentas de galhardos cavaleiros, ou, ainda, ao inigualável esplendor do séquito feminino. Alma romântica, Pyle inventou cenários de sonhos, em que a natureza por onde transita, dispersa, a gloriosa milícia arturiana, simula o Paraíso:

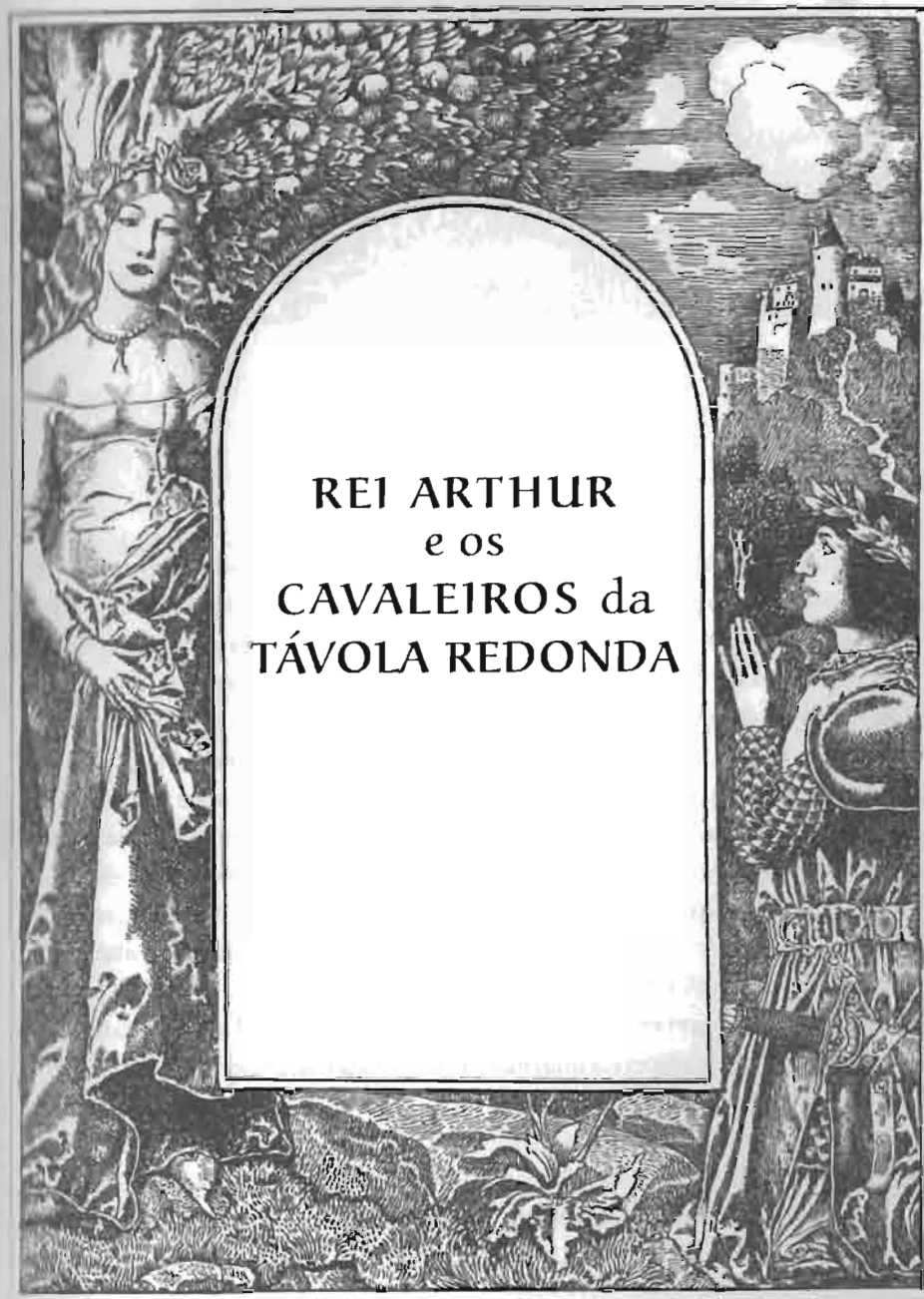
É de fato muito agradável cavalgar na aurora de um dia de primavera, pois é nessa hora que os passarinhos cantam seu canto mais doce, todos juntos numa mistura tão alegre que quase não se consegue separar um pio do outro naquela sinfonia de piados tão belos. Nessa hora tudo o que cresce da terra cheira mais doce com o frescor da manhã – as belas flores, os arbustos, os brotos nas árvores. E o orvalho pontilha a relva, como se espalhasse umaimensidão de joias multicoloridas. É nessa hora que o mundo todo é doce e limpo e novo, como se tivesse sido criado naquele mesmo instante só para o viajante que vem passando pelas estradas tão cedo de manhã.

LÊNIA MÁRCIA MONGELLI

Lênia Márcia Mongelli é professora titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP. Além da carreira docente, é crítica literária, especializada em literatura portuguesa e brasileira, com interesse central pela Idade Média. É sócia-fundadora da Abrem – Associação Brasileira de Estudos Medievais e membro da Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Publicou *Por quem peregrinam os cavaleiros de Artur*, *Fremosos cantares: Antologia da lírica medieval galego-portuguesa*; organizou *E fizerom taes maravilhas... Histórias de cavaleiros e cavalias*, dentre outros livros.



Rei Arthur da Bretanha



REI ARTHUR
e os
CAVALEIROS da
TÁVOLA REDONDA



PREFÁCIO

FINALMENTE, depois de muitos anos considerando e pensando sobre o assunto aqui contido, acabei conseguindo, com a graça de Deus, escrever este livro com tanto prazer que, se por acaso ele puder proporcionar aos leitores pelo menos uma parte da alegria que deu a mim, ficarei por demais satisfeito com o que fiz.

Pois que, ao pesquisar sobre esta história, pude ver o espírito de profunda nobreza que inspirou esses homens excelentes a agirem como agiram, e percebi que serviam como um tal exemplo de coragem e humildade, que todos fariam muitíssimo bem em seguir seu comportamento o máximo que puderem.

Pois acredito que o Rei Arthur foi o Cavaleiro mais honrado e gentil que já viveu em todo o mundo, e aqueles que eram seus companheiros na Távola Redonda – tomando-o como o seu modelo de cavalaria – formavam, juntos, um grupo de cavaleiros tão nobres que dificilmente voltará a haver neste mundo outros como eles. É por isso que tive tanto prazer em observar como esses famosos cavaleiros se portavam quando as circunstâncias exigiam que mostrassem seu empenho.

Assim, no ano da graça de mil novecentos e dois, comecei a escrever esta história do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda e, se puder, empenhar-me-ei com todo o amor em terminá-la algum outro momento em outro livro e para o prazer daqueles que se interessarem em lê-la.



O
LIVRO
do
REI
ARTHUR



SUMÁRIO

Prólogo 35

PARTE I A CONQUISTA DA COROA

Capítulo Primeiro

Como Sir Kay lutou em um grande torneio na cidade de Londres e como partiu sua espada. Também como Arthur encontrou uma nova espada para ele 43

Capítulo Segundo

Como Arthur realizou duas vezes o milagre da espada perante Sir Ector e como seu direito de nascença lhe foi revelado 54

Capítulo Terceiro

Como diversos reis e grão-duques tentaram retirar a espada da bigorna e como falharam. E também como Arthur tentou e conseguiu 61

PARTE II A CONQUISTA DE UMA ESPADA

Capítulo Primeiro

Como chegou na Corte do Rei Arthur um certo cavaleiro ferido, como um jovem cavaleiro da Corte do Rei tentou vingá-lo e falhou, e como o Rei então assumiu ele próprio este desafio 73

Capítulo Segundo

Como o Rei Arthur lutou contra o Cavaleiro Negro e ficou gravemente ferido. Também como Merlin retirou-o em segurança do campo de batalha 83

Capítulo Terceiro

Como o Rei Arthur encontrou uma nobre espada de uma forma inacreditável, e como lutou novamente com ela e venceu aquela batalha 93

PARTI III
A CONQUISTA DE UMA RAINHA

Capítulo Primeiro

Como o Rei Arthur foi até Tintagalon com quatro dos de sua Corte, e como se disfarçou com um determinado propósito 109

Capítulo Segundo

Como o Rei Ryence veio até Cameliard e como o Rei Arthur lutou contra o Duque da Nortúmbria 119

Capítulo Terceiro

Como o Rei Arthur encontrou quatro cavaleiros e o que então aconteceu 127

Capítulo Quarto

Como os quatro cavaleiros serviram a Lady Guinevere 137

Capítulo Quinto

Como o Rei Arthur venceu os inimigos do Rei Leodegrance e como sua realeza foi revelada 147

Capítulo Sexto

Como o Rei Arthur casou-se com honras de rei e como se instituiu a Távola Redonda 160

Conclusão 168

PROLOGO

NOS TEMPOS ANTIGOS vivia um Rei muito nobre, chamado Uther-Pendragon, que se tornou Soberano de toda a Bretanha.¹ Este Rei foi ajudado na conquista do título de Pendragon² por dois homens, que o auxiliavam em tudo o que fazia. O primeiro desses homens era um certo mago deveras poderoso e por vezes capaz de antever o futuro, conhecido dos homens como Merlin, o Sábio, e ele dava muitos bons conselhos a Uther-Pendragon. O outro era um nobre valoroso e cavaleiro renomado, chamado Ulfius (tido por muitos como o maior líder nas guerras entre os homens que viviam naqueles tempos); e era ele quem dava a Uther-Pendragon auxílio e conselho nas batalhas. Assim, com a ajuda de Merlin e de Sir Ulfius, Uther-Pendragon pôde vencer todos os seus inimigos e tornar-se Soberano de todo o reino.

Após ter reinado por vários anos, Uther-Pendragon tomou por esposa uma certa dama linda e gentil, chamada Igraine. Essa nobre dama era Uther-Pendragon viúva de Gerlois, o Duque de Tintegal, e com esse príncipe tivera Lady Igraine. duas filhas – uma das quais chamou-se Margaise e a outra Morgana, a Fada. Morgana, a Fada era uma feiticeira famosa. Essas filhas a Rainha trouxe consigo para a Corte de Uther-Pendragon depois que se casou com o

1. Por "Bretanha", no contexto arturiano, entende-se o reino de Arthur. Pode designar tanto a Grã-Bretanha como a Inglaterra, mas nem sempre esta identificação é evidente, porque há situações em que a referência se confunde com a chamada "Bretanha Menor" ou "Bretanha Armoricana", região a noroeste da França. Depois da conquista da Inglaterra pelos normandos, em 1066, estreitaram-se os laços entre um e outro lado do Canal da Mancha, o que ajuda a entender a oscilação toponímica.

2. "Pendragon" é o título dado ao rei que ficou conhecido como Uther-Pendragon. Este personagem aparece citado pela primeira vez, e ainda sem qualquer relação com Arthur, em um poema galês, o de nº XXXI, do *Livro negro de Camarthen*, anterior à *Historia regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth. Foi este escritor, e nesta obra, que identificou Uther como o pai de Arthur, por razões até hoje desconhecidas.

Uther e Aurélio Ambrósio são filhos do rei Constantino, da Ilha da Bretanha. Quando Vortiger usurpa o trono, os dois irmãos são ainda pequenos, mas Merlin vaticina que eles acabarão com o domínio dos saxões, chefiados pelo usurpador. De fato, ambos tornam-se valorosos guerreiros e Aurélio retoma o trono; mas é assassinado, e Uther substitui o irmão morto. É Merlin quem o faz coroar, após ter visto no céu uma fantástica estrela em forma de cabeça de dragão. A partir deste instante, o nome do novo rei passou a ser Uther-Pendragon, ou seja, "Uther, cabeça de dragão".



O Rei Uther-Pendragon

poderoso Rei, e lá Margaise casou-se com o Rei Urien de Gore, e Morgana, a Fada casou-se com o Rei Lot de Orkney.³

Pois bem, passado algum tempo, Uther-Pendragon e a Rainha Igraine tiveram um filho, que era uma criança linda, grande em tamanho e de ossos fortes. Mas enquanto a criança ainda jazia embrulhada nos cueiros, deitada num berço de ouro e ultramarino, Merlin, imbuído do espírito profético que o dominava (pois tal frequentemente lhe acontecia), foi até Uther-Pendragon e disse:

3. Como se verá ao longo do livro, além do brasão de família e das armas, as personagens identificam-se também por seu lugar de origem, fictício ou não – Tintegal, Gore, Orkney...

– Senhor, coube-me prever que dentro em pouco o senhor cairá doente de uma febre e talvez morrerá do intenso suadouro que ela trará. Então, caso algo assim tão doloroso recaia sobre nós, esta jovem criança, que é, em verdade, a esperança de todo este reino, passará a correr enorme perigo de vida; pois muitos inimigos por certo se levantarão com o intuito de raptá-la para tomar sua herança, e ela ou será morta ou mantida em cativeiro do qual não terá quase esperança de escapar. Portanto rogo-lhe, Senhor, que permita que Sir Ulfius e eu levemos a criança imediatamente para longe em segredo até um refúgio seguro, onde poderá permanecer escondida até que cresça e se faça homem e seja capaz de proteger-se destes perigos que a ameaçam.

Sobre o nascimento e perigos da jovem criança.

Quando Merlin terminou de falar, Uther-Pendragon respondeu com o semblante muito sério:

– Merlin, com relação à minha morte, quando chegar a minha hora de morrer creio que Deus me dará a graça de enfrentar meu fim com absoluta alegria; pois com certeza a parte que me cabe não será em nada diferente do que a de qualquer outro homem nascido do ventre de uma mulher. Mas em relação a esta jovem criança, se tua profecia é verdadeira, então o perigo que corre é muito grande, e o melhor é que seja levada daqui a algum abrigo seguro como tu aconselhaste. Portanto, peço que faças como quiseres neste caso, guardando em teu coração a memória de que a criança é o legado mais precioso que deixo nesta terra.

Tudo isso, como foi mencionado, falou Uther-Pendragon com grande calma e equanimidade. Então Merlin fez como tinha aconselhado, e ele e Sir Ulfius saíram com a criança durante a noite, e ninguém exceto eles sabia para onde o bebê tinha sido levado. Pouco depois Uther-Pendragon foi atacado pela doença que Merlin tinha previsto, e morreu exatamente como Merlin temia; portanto foi muito bom que a criança tivesse sido conduzida para um lugar seguro.

O Rei Uther morre, conforme a profecia de Merlin.

E depois que Uther-Pendragon partiu desta vida, também o resto aconteceu conforme Merlin tinha temido, pois todo o reino caiu em enorme desordem. Pois cada rei menor passou a lutar contra o seu rival por poder, e cavaleiros e barões cruéis assaltavam as estradas livremente, cobrando com muita crueldade pedágio de passantes indefesos. E faziam alguns desses viajantes prisioneiros e pediam resgate, enquanto a outros matavam porque não tinham como pagar o resgate. Assim, se alguém se arriscasse a viajar por um motivo qualquer, era comum ver homens mortos pelas estradas. Portanto aconteceu que, depois de um tempo, toda aquela terra sofrida gemia com o tormento que a assolava.

Assim se passaram quase dezoito anos em tamanha aflição, e então um dia o Arcebispo de Canterbury⁴ chamou Merlin até a sua presença e falou-lhe assim:

– Merlin, todos dizem que és o homem mais sábio do mundo todo. Será que não podes achar algum meio de curar as cisões deste miserável reino? Usa tua sabedoria neste assunto e escolhe um rei que possa reinar sobre nós todos, para que possamos mais uma vez encontrar alegria na vida como tínhamos na época de Uther-Pendragon.

Então Merlin ergueu os olhos para o Arcebispo e disse assim:

– Meu senhor, o espírito profético que às vezes me toma me faz agora dizer que sei que esta terra logo terá um rei que será mais sábio e poderoso e ainda mais digno de louvor que Uther-Pendragon. Ele trará ordem e paz onde agora há desordem e guerra. Além disso, posso dizer-lhe que esse Rei terá o mesmo sangue puro e real do próprio Uther-Pendragon.

Em resposta, o Arcebispo disse:

O Arcebispo de Canterbury se aconselha com Merlin.

– O que me diz, Merlin, é algo estranho demais. Mas nesse espírito profético não és capaz de porventura prever quando virá este Rei? E podes dizer também como o reconheceremos quando ele surgir entre nós? Pois há diversos reis menores que se arvorariam a ser soberanos desta terra, e muitos que se consideram eles próprios dignos de reinar sobre todos os outros. Como então saberemos distinguir o verdadeiro Rei daqueles que possam vir a se proclamar como o legítimo rei?

– Senhor Arcebispo – disse Merlin –, se me der permissão para executar minha mágica, proporei um desafio que, se algum homem conseguir cumprir, todo o mundo saberá imediatamente que é ele o legítimo Rei e soberano deste reino.

E a isso o Arcebispo disse:

– Merlin, peço que faças o que nesse caso te parecer mais certo.

E Merlin disse:

– Assim o farei.

Portanto, Merlin, por meio de uma mágica, fez com que uma pedra de mármore imensa e quadrada de repente aparecesse na praça, em frente à porta da catedral. E sobre esse bloco de mármore ele fez com que surgisse uma bigorna, e na bigorna fez com que surgisse uma enorme espada com a lâmina nela enfiada até a metade. E esta espada era a mais incrível que qualquer um jamais

4. O arcebispo de Canterbury, ou Cantuária, era o primaz da Igreja da Inglaterra, e depois da Igreja anglicana. Foi santo Agostinho da Cantuária, monge beneditino italiano, quem fundou uma sé episcopal na cidade (após 597), tornando-se o primeiro arcebispo da Cantuária. Por razões como essas, Canterbury, no sudeste da Inglaterra, é um dos principais centros religiosos do Reino Unido.

Merlin prepara um teste para encontrar o verdadeiro Rei.

tinha visto, pois a lâmina era de aço azulado e extraordinariamente brilhante. O cabo era de ouro, trabalhado e esculpido com maravilhosa arte e incrustado com uma quantidade enorme de pedras preciosas, de modo que reluzia com fantástico brilho sob o sol. E ao redor da espada foram escritas em ouro as seguintes palavras:

AQUELE QUE ESTA ESPADA DA BIGORNA ARRANCAR
VERDADEIRO REI-NATO⁵ DA INGLATERRA SERÁ.

Assim, uma multidão veio e contemplou a espada e se maravilhou com ela, pois nunca se tinha visto antes nada assim no mundo.

Depois de realizar este milagre, Merlin pediu ao Arcebispo que reunisse todos os homens mais importantes da região quando chegasse a época do Natal; e pediu ao Arcebispo que mandasse que cada homem tentasse arrancar a espada, pois aquele que conseguisse retirá-la da bigorna seria o legítimo Rei da Bretanha.

Então o Arcebispo fez como tinha dito Merlin; e esse foi o prodígio da pedra de mármore e da bigorna, que qualquer um pode facilmente ler por si num livro escrito há muito tempo por Robert de Boron,⁶ chamado *Le roman de Merlin*.

ENTÃO QUANDO A ORDEM do Senhor Arcebispo foi passada, convocando todos os homens importantes da região a tentar o milagre (pois de fato era um milagre retirar uma lâmina de espada de uma bigorna de ferro sólido), todo o reino ficou imediatamente tomado de grande comoção, tanto que cada homem perguntava para o seu companheiro:

– Quem conseguirá retirar a espada, e quem será o nosso Rei?

Alguns achavam que seria o Rei Lot e outros achavam que seria o Rei Urien de Gore (já que eram os genros de Uther-Pendragon). Alguns achavam que seria o Rei Leodegrance de Cameliard, e outros que seria o Rei Ryence de Gales do

5. Refere-se ao direito e à legitimidade da realeza transmitida por hereditariedade de sangue. No caso de Arthur, o seu direito é confirmado também por magia, em virtude da interferência de Merlin e das fadas.

6. Não se conhece com certeza a identidade de Robert de Boron. As conjecturas que dela se fazem decorrem de informações dadas por ele próprio no epílogo de seu *Roman de l'estoire de Joseph*, composto ao fim do séc. XII ou início do séc. XIII. Ali ele se diz cavaleiro a serviço do Conde de Montbéliard, donde se deduziu que ele talvez tenha acompanhado seu senhor na terceira ou quarta Cruzada. Teria nascido na pequena vila de Boron, a 24 quilômetros de Montbéliard, no leste da França, próximo à fronteira com a Suíça. Ver também a Apresentação a este volume.

Norte; alguns achavam que seria esse rei, outros achavam que seria aquele, pois o mundo todo estava dividido em diferentes grupos que pensavam de acordo com suas próprias vontades.

Então, quando se aproximou o Natal, parecia que o mundo inteiro ia se dirigindo à Cidade de Londres,⁷ pois as estradas e os caminhos ficaram cheios de viajantes – reis e lordes e cavaleiros e damas e nobres e pajens e soldados –, todos indo até onde seria feita a tentativa de retirada da espada na bigorna. Todas as hospedarias e todos os castelos estavam tão cheios de viajantes que era espantoso ver como dentro deles podia caber tanta gente, e por toda parte havia barracas e tendas armadas pelos caminhos para acomodar aqueles que não tinham conseguido hospedagem.

Mas quando o Arcebispo viu a multidão que vinha se aglomerando, disse a Merlin:

– De fato, Merlin, seria algo muito único se entre todos estes grandes reis e nobres e lordes honrosos não encontrássemos alguém digno de ser o Rei dessa terra.

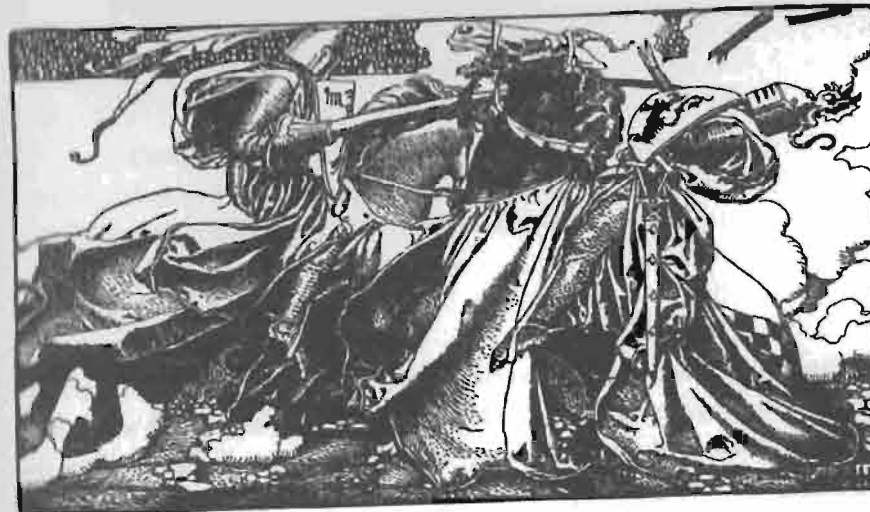
Ao que Merlin sorriu e disse:

– Não se espante, meu senhor, se entre todos os que parecem ser tão extraordinariamente dignos não se achar um só digno; e não se espante se, entre todos os desconhecidos, erguer-se um que provará ser inteiramente digno.

E o Arcebispo ponderou sobre as palavras de Merlin, e assim começa esta história.



7. No que diz respeito à geografia real, Pyle distribui suas narrativas entre o sul da Inglaterra – no perímetro em torno de Londres e da Cornualha – e o País de Gales.



PARTE I

A CONQUISTA DA COROA

AQUI SE INICIA a história da espada, da bigorna e da pedra de mármore, e de como essa espada foi primeiro conquistada por um jovem desconhecido, até então sem qualquer renome, fosse em armas ou em posses.

Então prestem atenção no que vem aqui escrito.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Como Sir Kay lutou em um grande torneio na cidade de Londres e como partiu sua espada. Também como Arthur encontrou uma nova espada para ele

A CONTECEU QUE ENTRE AQUELES dignitários que tinham sido convocados à cidade de Londres pela ordem do Arcebispo, como foi narrado acima, havia um certo cavaleiro, muito honrado e de grandes posses, chamado Sir Ector de Bonmaison – apelidado de o Cavaleiro Confiável, por causa da fidelidade com que guardava todo segredo que lhe confiavam, e porque sempre cumpria aquilo que prometia a qualquer homem, fosse de classe alta ou baixa, sem jamais faltar a ninguém. Assim esse excelente e nobre cavaleiro era tido em alta conta por todos aqueles que o conheciam, pois não somente era de conduta hon- De Sir Ector, rosa como também era homem de grandes posses, dono de sete castelos o Cavaleiro em Gales e nas terras que confinavam ao norte, além de certos terrenos Confiável. férteis onde havia vilarejos, e também várias florestas de enorme extensão, tanto nas regiões do norte quanto a oeste. Este cavaleiro tão nobre tinha dois filhos: o mais velho deles era Sir Kay, um jovem cavaleiro de grande valor e promessa e já renomado nas Cortes de Cavalaria⁸ por causa de vários feitos muito honrosos de justa façanha em armas que tinha realizado; o outro era um rapaz jovem de dezoito anos de idade chamado Arthur, que àquele tempo vinha servindo com boa reputação a Sir Kay como escudeiro.⁹

8. Na Idade Média, corte é o nome que se dá ao grupo que acompanha o príncipe ou o rei, em sua vida privada ou pública, a fim de auxiliá-lo com conselhos particulares, na administração de seus domínios, nas decisões jurídicas e políticas, nas comemorações. Nos sécs. XI e XII, no Ocidente, essas cortes formam um conjunto itinerante. No séc. XIII, o serviço especializa-se e restringe-se a interesses de estado, criando-se os conselheiros do príncipe ou do rei. Talvez por analogia a essas cortes, no célebre *Tratado do amor cortês* (c. 1186), André Capelão fala nas “cortes de amor” – nunca comprovadas historicamente –, tribunais que julgavam o grau de fidelidade dos amantes entre si, dentre outros quesitos. Do mesmo modo, as “cortes de Cavalaria” reuniam-se por ocasião de festejos em que se praticavam os jogos cavaleirescos.

9. Também chamado de “escudeiro de armas”. Moço que se iniciava nas armas a serviço de um cavaleiro, atendendo-o nos trabalhos domésticos e carregando-lhe o escudo durante as jornadas. Era uma etapa educativa antes de seu ingresso na Cavalaria. “Escudeiro” podia funcionar também como título honorífico, designando o grau mais baixo da nobreza.

Pois bem, quando Sir Ector de Bonmaison recebeu por um emissário a ordem do Arcebispo, chamou imediatamente os dois filhos até onde estava e ordenou-lhes que se preparassem imediatamente para seguir com ele para a cidade de Londres, e assim fizeram. E da mesma maneira ele ordenou a um número enorme de atendentes, escudeiros e pajens para que se aprantassem, e também eles assim fizeram. Então, com uma quantidade considerável de armas e grandes cerimônias, Sir Ector de Bonmaison tomou a estrada até a cidade de Londres em obediência aos desígnios do Arcebispo.

E assim, quando lá chegou, acomodou-se num certo campo onde muitos outros nobres cavaleiros e poderosos lordes já tinham se estabelecido, e lá montou uma tenda muito bonita de seda verde, e hasteou o estandarte com o emblema de sua família,¹⁰ ou seja, um grifo¹¹ negro contra um campo verde.

E naquele campo havia uma infinidade de outras tendas de muitas cores diferentes, e sobre cada tenda havia a flâmula e o estandarte daquele poderoso lorde ao qual a tenda pertencia, de modo que a infinidade destas flâmulas e estandartes fazia com que, em alguns lugares, o céu ficasse quase escondido pelas vistosas cores das bandeiras esvoaçantes.

Entre os grandes lordes que tinham vindo em resposta ao chamado do Arcebispo havia muitos reis e rainhas famosos e nobres de alto grau. Pois lá estava o Rei Lot de Orkney, que tinha tomado por esposa uma enteada de Uther-Pendragon, e lá estava o Rei Urien de Gore, que tinha tomado por esposa uma outra enteada daquele grande rei, e lá estavam o Rei Ban e o Rei Bors e o Rei Ryance, e o Rei Leodegrance e muitos outros de semelhante grau, pois havia não menos que doze reis e sete duques, juntamente com seu séquito de nobres, damas, escudeiros e pajens, de modo que a cidade de Londres nunca tinha visto algo semelhante até aquele dia.

Pois bem, o Arcebispo de Canterbury, tendo em mente o estado extraordinário daquela ocasião que tinha trazido tantos reis e duques e altos nobres para

10. Quando, a partir do séc.XIII, é regulamentado o uso de atributos simbólicos (objetos, animais, cores) e a hereditariedade para definir graus de nobreza, desenvolve-se a heráldica ou a arte do brasão. Visando, de início, à identificação pessoal do guerreiro (principalmente pelo escudo de armas), a prática logo se estende para um grupo, uma família, uma comunidade.

11. Animal fabuloso e elemento comum em heráldica, geralmente com cabeça, bico e asas de águia e corpo de leão, simbolizando a sabedoria e a força, além de uma natureza simultaneamente divina e terrestre. No célebre poema *Mensagem*, de Fernando Pessoa, em que ele alegoriza a história de Portugal a partir do escudo de armas nacional, o timbre – lugar de honra do brasão – é ocupado justamente por um grifo: a cabeça é o infante d. Henrique, o Navegador; uma asa é d. João II e a outra é Afonso de Albuquerque, todos personagens fundamentais para a Era dos Descobrimentos portuguesa, ao longo dos sécs.XV e XVI.

aquela prova da espada e da bigorna, ordenou que se proclamasse um torneio¹² muito nobre e grandioso. E também ordenou que essa competição de armas acontecesse num campo próximo da grande catedral, três dias antes que se tentasse retirar a espada da bigorna (que era para acontecer, como já foi dito, no dia de Natal). Para esse torneio foram convocados todos os cavaleiros de suficiente estirpe, condição e qualidade que lhes fizessem adequados a participar. Portanto, muitos famosos cavaleiros queriam participar, e eram tantos que três arautos¹³ foram empregados para verificar se faziam jus ao direito de lutar. Pois que estes arautos examinavam os brasões e os títulos de linhagem¹⁴ de todos os candidatos com grande cuidado e atenção.

Ao receber as novas do torneio, Sir Kay foi até seu pai e, parado diante dele, falou assim:

– Senhor, sendo seu filho e de alta condição, tanto de nascença quanto das posses que herdei do senhor, eu diria que tenho um extraordinário desejo de arriscar meu corpo neste torneio. Portanto, caso eu consiga provar minha qualidade de cavaleiro perante este grupo de arautos, será talvez para sua grande honra e crédito, e para a honra e crédito de nossa família que eu possa participar deste desafio. Assim rogo-lhe permissão para seguir com meu intento.

Ao que Sir Ector retrucou:

– Filho meu, tens permissão para participar desta honrosa competição, e espero sinceramente que Deus te dê uma boa dose de força assim como tal graça de espírito que te permita alcançar honra para ti mesmo e crédito para nós que somos do mesmo sangue.

E então Sir Kay partiu com enorme alegria e imediatamente dirigiu-se ao grupo de arautos e apresentou-lhes suas intenções. E, depois de terem devida-

12. Prática surgida no séc.XI, constitui, ao fim da Idade Média, um modo fundamental de representação da aristocracia. Inicialmente, consistia no enfrentamento de dois grupos em um campo de batalha, munidos de lança, com o objetivo de capturar homens e cavalos uns dos outros. Praticado por jovens, servia como uma espécie de rito de passagem, marcando a entrada deles na maioridade nobre. A partir do séc.XIII, o torneio é teatralizado e acontece em campo fechado, com grande sofisticação de detalhes (à moda das justas, em que dois homens a cavalo duelam com lanças, sem distinção de idade, num espaço alegre e colorido).

13. Oficiais encarregados de proclamações solenes, de anúncios de guerra ou de paz, além de informar os principais sucessos nas batalhas.

14. É nos nobiliários, ou livros de linhagem, que se oferece a lista dos antecedentes de determinadas famílias aristocráticas. Essas genealogias serviam a diferentes fins: desde a nobilitação de toda uma descendência a partir da honra de seus ancestrais, até a legislação sobre questões de herança ou sobre graus de parentesco, importantes para eventuais casamentos dentro do grupo.

mente examinado seu título de cavaleiro, incluíram seu nome como combatente conforme sua vontade, o que deixou Sir Kay muito satisfeito e com o coração cheio de alegria.

Assim, quando seu nome foi incluído na lista de combatentes, Sir Kay escolheu seu irmão mais novo, Arthur, para ser seu escudeiro e para carregar sua lança e flâmula à sua frente no campo de batalha, e Arthur também ficou incrivelmente feliz com a honra que coube a ele e a seu irmão.

Pois bem, chegado o dia em que o torneio ia acontecer, uma multidão enorme reuniu-se para testemunhar aquela luta armada nobre e cortês.¹⁵ Pois naquela ocasião, como já foi dito, Londres estava extraordinariamente cheia de nobres e cavaleiros, de modo que devia haver não menos que vinte mil lordes e damas (além daqueles doze reis e seus séquitos e os sete duques e seus séquitos) reunidos nas arenas ao redor do campo de batalha para assistir ao desempenho dos cavaleiros escolhidos. E aquela gente nobre sentou-se tão junta e de tal forma ocupou os assentos e os bancos que lhes tinham sido reservados, que era como se uma parede toda sólida de almas humanas circundasse o Prado onde a luta seria travada. E, de fato, qualquer cavaleiro fatalmente se sentiria premido a se empenhar ao máximo numa ocasião tão grandiosa, com os olhos de tantas lindas damas e altos nobres que lhes observavam o desempenho. Assim os corações de todos os cavaleiros participantes estavam cheios de vontade de derrubar seus inimigos na poeira do chão.

No centro deste maravilhoso séquito de nobres e damas tinha sido erguida a baia com o trono do próprio Arcebispo. Sobre o trono havia um dossel de pano púrpura adornado com lírios prateados, e em volta do trono pendiam panos de veludo púrpura bordado, alternando a figura de São Jorge em dourado com cruzes de São Jorge prateadas envoltas em halos dourados. Ali ficava sentado o próprio Arcebispo em grande pompa e circunstância, rodeado por um séquito de clérigos¹⁶ de alto escalão e também de cavaleiros de condição honrosa, de modo que todo o centro do campo brilhava com o esplendor dos bordados de ouro e

15. O adjetivo pertence ao núcleo da "cortesia", um dos termos centrais da civilização e da literatura medievais, difundido a partir do séc. XII. Derivado do substantivo "corte", refere o cortesão e seus hábitos palacianos de requintada educação. Por extensão, conjunto de qualidades humanas, morais e sociais. (Desse ângulo, descortesia é a negação ou ausência desses valores.) Em alguns momentos, nobreza de maneiras valia tanto ou mais do que nobreza de raça.

16. Dentro da comunidade cristã medieval, clérigos e leigos não se confundiam: aqueles eram os eleitos tonsurados que não podiam se casar, ao contrário destes, imersos na vida secular. Mais tarde, a partir do séc. XIII, os clérigos opuseram-se aos iletrados e designavam também os detentores do saber, os homens de letras.

prata e enfeitava-se com as várias cores dos trajes ricos e vistosos e reluzia com as finas armaduras feitas à excelência. E, realmente, era tal a imponência de tudo isso que só alguns poucos dos que lá estavam jamais tinham visto preparativos para luta tão nobres quanto aqueles.

Pois bem, quando todo esse grande grupo estava nos seus lugares e tudo tinha sido preparado conforme o esperado, um arauto veio e se prostrou diante do trono do Arcebispo e soou a trombeta bem forte e alto. Seguindo ao sinal, imediatamente dois caminhos se abriram e dois grupos de competidores entraram por eles – um grupo pela extremidade norte do Prado da batalha e o outro grupo pela extremidade sul do mesmo. Então, imediatamente todo aquele campo vazio se acendeu com o esplendor reluzente do sol batendo nas armaduras e armas polidas. Assim os dois grupos se posicionaram, cada um no lugar que lhe tinha sido designado – um ao norte e o outro ao sul.

O grupo que coube a Sir Kay ficava ao norte do campo, e contava ao todo com noventa e três pessoas; e o outro grupo ficava no extremo sul do campo, e contava com noventa e seis pessoas. Mas, embora tivesse três pessoas a menos do que o adversário, o grupo do qual Sir Kay fazia parte era ainda assim de certa forma mais forte, porque havia nele muitos cavaleiros de incrível força e renome. De fato deve aqui ser mencionado que dois daqueles cavaleiros depois se tornaram companheiros muito valorizados da Távola Redonda – eram eles Sir Mador de la Porte e Sir Bedevere, o último que viu o Rei Arthur com vida neste mundo.

Sir Kay se posiciona em torno do campo.

Assim, quando tudo estava pronto de acordo com os regulamentos do torneio, e quando os combatentes tinham se preparado de todos os modos necessários, e quando tinham empunhado suas lanças e seus escudos ao modo de cavaleiros prestes a entrar em lutas de verdade, o arauto levou a trombeta aos lábios uma segunda vez e soprou nela com toda força. Depois deste primeiro toque esperou um pouco e então soprou novamente.

A esse toque, cada grupo de cavaleiros deixou seu lugar e avançou em enorme tumulto contra o outro grupo, e de um jeito tão ruidoso e enfurecido que a terra toda rugiu sob os pés dos corcéis, e tremeu e sacudiu como se fosse um terremoto.

Assim os dois grupos se encontraram, chocando-se uns contra outros no meio do campo, e o estrondo das lanças se partindo era tão terrível que aqueles que ouviam ficavam atordoados e assustados com o barulho. Pois várias belas damas desmaiaram, aterrorizadas pelo barulho, e outras gemiam alto, pois não só havia grande gritaria, mas o ar estava cheio de farpas que voavam para todos os lados.

Naquele famoso embate setenta cavaleiros muito nobres e honrados foram derrubados, vários deles sendo pisoteados pelas ferraduras dos cavalos, tanto que, quando os dois grupos se retiraram cada qual para seu lugar, podia-se ver o chão todo coberto com fragmentos partidos de lanças e pedaços de armadura, e muitos cavaleiros miseravelmente caídos no meio de toda aquela destruição. E alguns desses campeões tentavam se levantar e não conseguiam, enquanto outros estavam tão imóveis que pareciam mortos. Para esses acudiram vários escudeiros e pajens em quantidade, e ergueram os homens caídos e levaram-nos a locais seguros. Da mesma forma alguns atendentes correram e recolheram os pedaços de armadura e as lanças partidas, e levaram-nos até as arenas para que, aos poucos, o campo se esvaziasse uma vez mais.

Foi então que todos os que observavam o prado aclamaram bem alto com enorme alegria, pois nunca antes naquele reino fora vista uma luta amistosa tão valente e gloriosa.

Voltemos agora a Sir Kay. Pois neste embate ele tinha se portado com tal coragem que nenhum cavaleiro tinha se saído melhor que ele, e talvez nenhum tenha se saído tão bem. Pois, ainda que dois oponentes tivessem apontado

Sir Kay se ao mesmo tempo suas lanças contra ele, ele tinha conseguido reagir
sai bem ao ataque. E tinha golpeado um dos dois com tamanha violência ao
no embate. se defender que o ergueu da garupa do cavalo e o atirou à distância de
meia lança de sua montaria, de modo que o cavaleiro derrotado tinha rolado
ainda três vezes na poeira do chão.

E quando os do grupo de Sir Kay que estavam perto dele viram o que tinha feito, aclamaram-no tão alto e tão forte que o deixaram incrivelmente satisfeito e feliz.

Pois de fato é preciso ser dito que, naquele tempo, em todo o mundo, dificilmente havia outro cavaleiro tão valoroso em feitos de armas quanto Sir Kay. E ainda que depois tenham vindo cavaleiros de maior renome e de façanhas mais gloriosas (como ficará registrado aqui quando for a hora), naquele tempo Sir Kay era tido por muitos como o cavaleiro (fosse andante ou em batalha)¹⁷ mais incrivelmente forte entre todos os daquele reino.

Assim correu o combate para enorme prazer e satisfação de todos os que o assistiam, e mais especificamente de Sir Kay e seu amigos. E depois que terminou, os dois grupos em bando retornaram para seus lugares mais uma vez.

17. O cavaleiro deve sempre exercitar-se: ou por meio de suas andanças em busca de "aventura" ou no campo de batalha, oficialmente a serviço de um senhor.

Ao chegar lá, cada cavaleiro entregou a lança para seu escudeiro. Pois o embate que viria agora era para ser travado com espadas, de modo que todas as lanças e outras demais armas deviam ser guardadas, tal era o regulamento daquela gentil e cortês peleja armada.

Assim, quando o arauto tocou sua trombeta novamente, cada cavaleiro tirou sua arma com tanta prontidão para a luta que houve um grande clarão de lâminas, todas faiscando no ar ao mesmo tempo. E quando o arauto tocou uma
segunda vez, cada grupo avançou para o embate com grande nobreza
no coração e impetuosidade de espírito, cada cavaleiro movido do in-
tento de comprometer seu oponente com toda a força e poder que tinha em si.

Do embate
com espadas.

Então imediatamente começou uma batalha tão feroz que, fossem aqueles cavaleiros inimigos de longa data em vez de combatentes amistosos, os golpes que davam uns nos outros não seriam menos veementes em termos de força nem mais impressionantes de se ver.

Também neste caso Sir Kay provou ser um campeão¹⁸ tão extraordinário que não havia outro como ele em todo aquele campo, pois ele derrubou violentamente cinco cavaleiros, um após o outro, antes que bloqueassem seu avanço.

Isto porque, vendo como lutava, vários cavaleiros do outro grupo tentaram se lançar contra ele, desejando confrontá-lo em sua investida.

Entre eles estava um certo cavaleiro, conhecido como Sir Balamorgineas, que era de porte tão enorme que cavalgava uma boa cabeça e ombros acima de qualquer outro cavaleiro. E possuía uma força tão extraordinária que achava-se que poderia aguentar o assédio de três cavaleiros comuns ao mesmo tempo. Assim, quando esse cavaleiro viu o que Sir Kay vinha fazendo, gritou-lhe:

– Ora, ora! Senhor Cavaleiro do grifo negro, vire para cá e lute comigo!

Pois bem, quando Sir Kay viu Sir Balamorgineas disposto a vir
contra ele daquela forma – muito ameaçadoramente e decidido a en-
volvê-lo na luta –, virou-se muito exaltado para seu adversário. Pois
naquele tempo Sir Kay era muito cheio do fogo juvenil e não se importava em
atacar qualquer inimigo que viesse propor-lhe luta.

Sir Kay luta
com Sir
Balamorgineas.

(Assim era naquele tempo. Mas depois aconteceu que, quando se tornou senescal¹⁹ e quando outros cavaleiros mais poderosos apareceram na Corte do

18. Embora aqui se trate de combate amistoso, "campeão" era o cavaleiro designado para lutar em defesa de uma causa ou pela honra de alguém, geralmente em campo ou terreno delimitado.
19. Cargo de alta responsabilidade, designa o mordomo-mor, o superintendente ou o vedor de certas casas reais. Em alguns casos, juiz supremo ou governador-geral.

Rei, às vezes evitava um embate com cavaleiros como Sir Lancelot, ou Sir Pellias, ou Sir Marhaus, ou Sir Gawaine, se pudesse fazê-lo sem diminuir sua honra.)

Deste modo, estando prenhe do espírito da juventude, voltou-se para ele com grande ímpeto de coração, todo inflamado pela ânsia e fúria da batalha. E bradou com voz troante:

– Muito bem, lutarei e lançá-lo-ei ao chão como a seus companheiros!

Dito isso, golpeou Sir Balamorgineas com incrível ferocidade, usando toda a sua força. Sir Balamorgineas recebeu o golpe no elmo²⁰ e ficou completamente atordoado com essa fúria, pois nunca antes havia recebido um golpe como aquele. Sua cabeça ficou tão aturdida que ele precisou segurar no arção para não cair.

Mas foi uma grande lástima para Sir Kay que, com a ferocidade do golpe, a lâmina de sua espada tivesse partido desde o cabo, voando tão alto no ar que parecia passar por cima das torres da catedral. No entanto isso aconteceu, e com isso Sir Kay ficou sem nenhuma arma. No entanto, achou-se que, por causa daquela pancada, ele tinha Sir Balamorgineas à sua inteira mercê, e que se desse mais um golpe com sua espada ele o teria facilmente derrotado.

Entretanto, Sir Balamorgineas logo se recuperou e percebeu que seu adversário estava inteiramente indefeso. Portanto, enchendo-se além da conta de ódio do golpe que tinha recebido, investiu contra Sir Kay com a intenção de derrubá-lo num ataque violento.

Nesta investida Sir Kay poderia ter tido grande prejuízo, não fossem três companheiros seus de armas que, percebendo o enorme perigo em que se achava, interpuseram-se entre ele e Sir Balamorgineas com a intenção de se oferecerem ao ataque daquele cavaleiro e assim evitar que Sir Kay fosse atingido. Isto fizeram com tal sucesso que Sir Kay pôde se livrar do aperto e fugir até as barreiras sem sofrer mais qualquer perigo nas mãos de seus adversários.

Pois bem, quando alcançou a barreira, seu escudeiro, o jovem Arthur, veio correndo até ele com um cálice de vinho quente.²¹ Sir Kay abriu a portinhola

20. Nas armaduras antigas, o elmo era uma espécie de capacete que protegia a cabeça do guerreiro. Ao longo dos tempos, apresentou vários formatos e modelos, como por exemplo o elmo cônico, com protetor para o nariz, o elmo com viseira móvel ou o elmo de uma só peça, cobrindo o crânio como uma calota esferoide. Entre os sécs. XII e XIII, desenvolveu-se o “grande” elmo, com cimeira e penacho, facilitando a identificação à distância.

21. O vinho era uma das bebidas bastante consumidas na Idade Média, principalmente nas regiões onde se produzia uva. Desde a Antiguidade e visando a uma dieta saudável, os gêneros alimentícios eram classificados em uma escala do frio ao quente e do úmido ao seco, de acordo com a teoria dos “quatro humores” (quente, frio, úmido, seco) proposta por Galeno, médico grego morto no ano de 200. Um dos modos de se conseguir o “vinho quente” era misturá-lo,



Sir Kay quebra sua espada no embate.

do elmo para beber, pois tinha uma sede desmedida. Mas – ora vejam! – seu rosto estava todo coberto de sangue e suor, e ele vinha tão sedento da luta que sua língua grudava no céu da boca e ele nem conseguia falar. Mas quando acabou de beber do tanto que Arthur tinha lhe dado, sua língua se soltou e ele gritou para o jovem com uma voz alta e violenta:

Sir Kay pede a Arthur que lhe busque uma espada.

– Ora, ora, irmão! Apanha-me outra espada para a luta, pois com certeza conquistarei muitas glórias hoje para nossa família!

E Arthur disse:

– Onde poderei conseguir outra espada?

E Kay disse:

em infusão, à fragância de certas especiarias como gengibre, noz-moscada, cravo, pimenta, açúcar, produzindo uma bebida aromatizada que podia ser aquecida.

– Corre até a tenda de nosso pai e lá apanha outra espada, pois a que tenho está partida.

E Arthur disse:

– Assim farei com toda pressa – e logo saltou sobre a barreira direto no caminho que havia além dela. Correu pelo caminho tão rápido quanto podia, desejando cumprir a tarefa pedida por seu irmão. E com a mesma pressa correu para a tenda que seu pai tinha montado no Prado.

Mas quando chegou na tenda de Sir Ector, não encontrou lá ninguém, pois todos tinham ido para o torneio. Também não conseguiu encontrar espada alguma adequada à empunhadura de seu irmão, de modo que viu-se em grande aperto enquanto decidia o que fazer.

No meio dessa aflição lembrou-se da espada que estava fincada na bigorna em frente à catedral e pareceu-lhe que uma espada assim serviria muito bem ao seu irmão. Assim, disse a si mesmo: “Vou lá e, se conseguir, pego aquela espada, pois ela certamente servirá muito bem para que meu irmão termine a luta.”

Em seguida correu com toda pressa até a catedral. E quando chegou lá viu que não havia ninguém montando guarda junto do bloco de mármore, como até

Arthur retirou a espada da bigorna. então tinha sido o caso, pois todos os que vinham montando guarda tinham ido até a luta que acontecia lá perto. E a bigorna e a espada estavam ali ao seu alcance. Então, não havendo ninguém que o impedisse, o jovem

Arthur saltou sobre a pedra de mármore e colocou as mãos em torno do cabo da espada. Então inclinou o corpo e puxou com toda força e – ora vejam! – ela deslizou da bigorna com incrível facilidade e ele segurou a espada nas mãos, e era sua.

Depois de ter assim conseguido a espada, embrulhou-a em sua capa para que ninguém a visse (pois brilhava com uma luminosidade e um esplendor intensos), saltou do bloco de mármore e correu com ela até o campo de batalha.

Pois bem, ao entrar novamente no Prado, Arthur encontrou Sir Kay, que esperava seu retorno com grande impaciência. E quando Sir Kay o viu, exclamou enfático:

– Conseguiu uma espada?

E Arthur disse:

– Sim, tenho uma aqui – e abriu sua capa, mostrando a Sir Kay a espada que tinha trazido.

Quando viu a espada, Sir Kay reconheceu-a imediatamente, e não sabia o que pensar ou dizer, de modo que ficou parado algum tempo, como se tivesse se transformado em pedra, enquanto olhava a espada. Depois de um tempo ele disse, com uma voz muito estranha:

– Onde foi que achaste essa espada?

Arthur olhou para seu irmão e viu sua expressão muito alterada e que seu rosto estava branco como cera. Então disse:

– Irmão, o que te perturba a ponto de fazer-te parecer tão estranho? Contarei toda a verdade. Não consegui encontrar espada alguma na tenda de nosso pai, então lembrei-me daquela que estava fincada na bigorna sobre o bloco de mármore em frente à catedral. Fui até lá e tentei puxá-la, e ela saiu com enorme facilidade. Portanto, quando a havia tirado, embrulhei-a em minha capa e trouxe-a aqui para ti, como podes ver.

Então Sir Kay pensou consigo mesmo e assim achou: “Ora! Meu irmão Arthur quase não passa de uma criança. Além disso, é incrivelmente ingênuo. Assim, não tem ideia do que fez nem do que isso significa. Mas já que obtive essa espada, por que não devo eu mesmo assumir a façanha, e assim assumir a glória que ela traz?” Portanto, imediatamente se levantou e disse a Arthur:

– Dá-me a espada e a capa – e Arthur obedeceu. E feito isto, Sir Kay disse a ele: – Não conta a ninguém sobre isso e mantém segredo em teu coração. Enquanto isso vai até onde o nosso pai está sentado na arena e pede que ele venha imediatamente até a tenda onde estamos acampados.

E Arthur fez conforme Sir Kay tinha mandado, bastante intrigado que seu irmão estivesse com o espírito tão alterado como parecia estar. A verdade é que não tinha se dado conta do que tinha feito ao retirar a espada da bigorna, e nem sabia que grandes acontecimentos viriam daquele evento tão pequeno, pois assim é neste mundo, que um homem às vezes prove ser digno de uma confiança tão grande como aquela, e no entanto, tenha o espírito tão humilde, que nem mesmo saiba ser digno dela. E assim foi com o jovem Arthur naquela ocasião.

CAPÍTULO SEGUNDO

Como Arthur realizou duas vezes o milagre da espada perante Sir Ector e como seu direito de nascença lhe foi revelado

ENTÃO ARTHUR CORREU até a parte da arena onde Sir Ector estava sentado com os membros de sua família. Prostrou-se diante de seu pai e disse:

– Senhor, meu irmão Kay mandou-me aqui para pedir-lhe que venha imediatamente até a tenda onde estamos acampados. Na verdade, creio que algo realmente extraordinário tenha acontecido, pois meu irmão Kay tem uma expressão no rosto que nunca vi antes.

Então Sir Ector ficou muito intrigado com o que poderia ter feito Sir Kay deixar a luta e chamá-lo naquele momento, de modo que levantou-se de onde estava e acompanhou Arthur. E foram até a tenda, e quando lá chegaram – vejam! –, Sir Kay estava em pé parado bem no meio dela. E Sir Ector percebeu que seu rosto estava pálido como cinzas na lareira e que seus olhos brilhavam com um brilho incrível. Então Sir Ector disse:

– Meu filho, o que te aflige?

Ao que Sir Kay respondeu:

– Senhor, algo incrível aconteceu – e tomou seu pai pela mão, levando-o até a mesa que havia na tenda. E sobre a mesa havia uma capa e dentro da capa havia algo. Então Sir Kay abriu a capa, e – ora vejam! – lá estava a espada da bigorna, e o cabo e a lâmina faiscavam com enorme fulgor.

Sir Ector imediatamente entendeu que espada era aquela e de onde vinha, de modo que ficou tão cheio de espanto que não sabia o que fazer. E por al-

Sir Ector vê algum tempo sua língua recusou-se a falar, mas depois de algum tempo, quando conseguiu falar, exclamou bem alto:

– O que é isto que os meus olhos veem?

Sir Kay então respondeu:

– Senhor, tenho agora aquela espada que ficava enfiada na bigorna que está sobre a pedra de mármore em frente à grande catedral. De modo que lhe peço que me diga o que isto significa.

Então Sir Ector disse:

– Como conseguiste a espada?



Sir Kay mostra a espada mística a Sir Ector.

E por algum tempo Sir Kay ficou em silêncio, mas depois de um tempo disse:
– Senhor, parti minha espada na luta que vinha travando, de modo que achei esta espada para substituir aquela.

Então Sir Ector ficou completamente perplexo e não sabia se acreditava no que havia ouvido. Depois de algum tempo disse:

– Se foste tu que retiraste a espada da bigorna, então deves ser tu também que és o legítimo Rei da Bretanha, pois assim proclamam as palavras da espada. Mas se de fato retiraste a espada da bigorna, então será igualmente fácil recolocá-la de volta lá de onde a retiraste.

Ao ouvir isso Sir Kay ficou tomado de preocupação, e exclamou bem alto:

– Quem conseguiria fazer algo tão difícil e milagroso como enfiar a espada em ferro sólido?

Ao que Sir Ector respondeu:

– Esse milagre não é maior do que o milagre que fizeste ao retirá-la. Pois quem jamais ouviu falar que um homem pudesse puxar uma espada de um lugar e, no entanto, não conseguir colocá-la de volta?

Então Sir Kay não sabia o que responder a seu pai, e teve muito medo de não conseguir realizar aquele milagre. No entanto, procurou se confortar dizendo para si mesmo: “Se meu irmão mais novo, Arthur, conseguiu realizar este milagre, por que eu não poderia realizar um milagre semelhante? Pois decerto não sou menos digno do que ele. Portanto, se ele retirou a espada com tanta facilidade, pode ser que eu com igual facilidade consiga enfiá-la de volta em seu lugar.” Assim, buscou como pôde se acalmar com tais pensamentos.

Então embrulhou a espada na capa novamente, e depois disso, ele e Sir Ector saíram da tenda e dirigiram-se para onde ficavam a pedra de mármore e a bigorna em frente à catedral. E Arthur foi com seu pai e seu irmão e eles

Sir Kay tenta recolocar a espada de volta, mas falha. não o proibiram. E quando chegaram ao lugar onde a espada tinha estado, Sir Kay subiu no bloco de mármore e olhou para a bigorna, e – ora vejam! – a bigorna estava totalmente lisa, sem um arranhão ou qualquer outra marca. Então Sir Kay disse para si mesmo: “O que é isso que meu pai quer que eu faça? Que homem nesta vida poderia enfiar a lâmina de uma espada numa bigorna de ferro sólido?” No entanto, não podia se furtar daquela impossível tarefa, estando forçado a tentar aquele milagre; assim apoiou a ponta da espada no ferro e pressionou-a com toda a sua força. Mas era impossível que conseguisse aquilo, e embora tentasse com toda a força, pressionando a espada contra a superfície da bigorna, ela não deixava no ferro nem um arranhão da espessura de um fio de cabelo.

Então, depois de tentar por muito tempo, finalmente parou e desceu de onde estava. E disse a seu pai:

– Senhor, nenhum homem nesta vida pode realizar tal milagre.

Ao que Sir Ector respondeu:

– Como é então possível que tivesses retirado essa espada, como disseste, e, no entanto, não consigas recolocá-la no lugar?

Então o jovem Arthur levantou a voz e disse:

– Meu pai, tenho sua permissão para falar?

E Sir Ector disse:

– Fala, meu filho.

E Arthur disse:

– Gostaria de tentar empunhar a espada.

Ao que Sir Ector respondeu:

– Com que autoridade quererias empunhar a espada?

E Arthur disse:

– Foi eu quem retirou a espada da bigorna para meu irmão. E como disseste que retirá-la não é mais difícil do que recolocá-la no lugar novamente, acredito que poderei recolocá-la no ferro de onde a retirei.

Então Sir Ector olhou o jovem Arthur de um jeito tão estranho que Arthur não entendeu. De modo que exclamou:

– Senhor, por que me olhas de um modo tão estranho? Estás zangado comigo?

Ao que Sir Ector respondeu:

– Perante os olhos de Deus, meu filho, não estou zangado contigo.

E então disse:

– Se queres empunhar a espada, podes seguramente tentar realizar esse milagre.

Então Arthur tomou a espada de seu irmão Kay e saltou sobre a pedra de mármore. E colocou a ponta da espada sobre a bigorna, firmou-a com força e – ora vejam! –, a espada entrou suavemente na bigorna até que ficou enterrada pela metade, e lá ficou presa. E depois de realizar esse milagre, ele retirou a espada novamente com rapidez e facilidade, e depois tornou a recolocá-la mais uma vez, como tinha feito antes.

Mas quando Sir Ector viu o que Arthur tinha feito, exclamou em voz bem alta:

– Senhor! Senhor! Que milagre é esse que estou vendo com os meus olhos!

E quando Arthur desceu do bloco de mármore, Sir Ector ajoelhou-se diante dele e uniu as mãos, palma com palma.

Porém, quando Arthur viu o que seu pai fazia, exclamou como se sentisse uma dor imensa e disse:

– Meu pai! Meu pai! Por que se ajoelha diante de mim?

Sir Ector respondeu a ele:

– Não sou teu pai, e agora ficou evidente que tu és com certeza de uma raça muito nobre e que o sangue de reis corre em tuas veias, caso contrário não terias podido empunhar essa espada como fizeste.

Então Arthur começou a chorar sem parar e exclamava como que com grande agonia:

– Pai! Pai! O que é que o senhor diz? Peço-lhe que se levante e não se ajoelhe diante de mim.

Então Sir Ector se levantou e encarou Arthur, e disse:

– Arthur, por que choras?

E Arthur disse:

– Porque estou com medo.

Acontece que durante todo esse tempo Sir Kay tinha ficado ali do lado sem conseguir se mover nem falar, mas parecendo estar num êxtase, e dizia a si mesmo: “O que é isto? O meu irmão é Rei?”

Então Sir Ector tomou a palavra, e disse:

– Arthur, chegou a hora de saberes quem és, pois as reais circunstâncias da tua vida estiveram até agora escondidas de ti.

“Confesso-te tudo da seguinte forma: dezoito anos atrás veio até mim um certo homem muito sábio e muito próximo do rei Uther-Pendragon, e esse homem era

Sir Ector conta para Arthur os detalhes de sua infância. o Mago Merlin. E Merlin me mostrou um anel com o selo de Uther-Pendragon e mandou-me, em obediência àquele anel, ir até um determinado lugar a uma determinada hora que ele escolheu. E o lugar que ele escolheu era o portão dos fundos do castelo de Uther-Pendragon. E a hora que ele escolheu era a meia-noite daquele mesmo dia.

“E pediu-me que não contasse a ninguém nada sobre o que havia me dito, e assim mantive segredo conforme me pediu.

“Então fui até aquele portão dos fundos à meia-noite como Merlin tinha mandado, e lá vieram Merlin e um outro homem, e o outro homem era Sir Ulfius, que era o chefe dos cavaleiros da casa de Uther-Pendragon. E conto-te que esses dois homens notáveis eram mais próximos de Uther-Pendragon do que qualquer um neste mundo. Quando os dois se aproximaram, percebi que Merlin trazia nos braços algo embrulhado em um manto vermelho de fina textura. Ele então abriu as abas do manto e, ora!, pude ver uma criança recém-nascida embrulhada nos cueiros. E vi a criança sob a luz de uma lanterna que Sir Ulfius trazia, e percebi que tinha um rosto muito bonito e os ossos grandes. Tu eras aquela criança.

“Então Merlin ordenou-me o seguinte: que eu deveria levar aquela criança e criá-la como minha; e ele disse que a criança deveria ser chamada pelo nome de Arthur; e disse que ninguém em todo o mundo deveria saber que aquela criança não era minha. Eu disse a Merlin que faria conforme ele desejava, de modo que tomei a criança e levei-a embora comigo. Avisei que a criança era minha e todos acreditaram nas minhas palavras, de modo que nunca ninguém desconfiou que tu não fosses meu próprio filho. E a senhora que era minha esposa levou com ela quando morreu aquele segredo para o Paraíso, e desde então até agora ninguém no mundo todo sabia nada deste assunto, exceto eu e aqueles dois grandes homens de que já falei.

“Tampouco soube eu até hoje quem era teu pai, mas agora tenho um palpite sobre quem ele foi e que tu tens em tuas veias sangue de alta realeza. E acredito que talvez teu pai fosse o próprio Uther-Pendragon. Pois quem senão o filho de Uther-Pendragon poderia ter retirado a espada da bigorna como fizeste?”

Então, quando Arthur ouviu aquilo tudo sobre seu pai, exclamou numa voz muito alta e veemente:

– Ai de mim, ai de mim, ai de mim! – repetindo três vezes.

E Sir Ector disse:

– Arthur, por que sofres?

E Arthur disse:

– Porque perdi meu pai, pois preferiria ter meu pai do que ser Rei!

Enquanto tudo isso se passava, chegaram ali dois homens, muito altos e de um porte incrivelmente nobre e altivo. E quando estes dois homens se aproximaram de onde eles estavam, Arthur, Sir Ector e Sir Kay perceberam que um deles era o Mago Merlin e que o outro era Sir Ulfius – pois os dois eram homens deveras famosos e conhecidos de todos. E quando os dois chegaram até onde estavam os outros três, Merlin falou, dizendo:

Merlin e Sir Ulfius aparecem para os três.

– O que está havendo?

E Sir Ector respondeu:

– Está havendo aqui algo muito incrível, pois vê, Merlin, esta é aquela criança que trouxeste para mim dezoito anos atrás e, ora!, podes ver como cresceu e tornou-se homem.

Então Merlin disse:

– Sir Ector, sei bastante bem quem é esse jovem, pois tenho-lhe mantido dedicada vigilância durante todo esse tempo, e sei que sobre ele recai a esperança da Bretanha. Além disso, digo-lhe que hoje mesmo num espelho mágico vi tudo o que ele fez desde a manhã e sei como retirou a espada da bigorna, e como a recolocou de volta. E sei como ele a retirou e a recolocou uma segunda vez. Também sei de tudo o que o senhor lhe disse agora há pouco, de modo que agora eu também confirmo que lhe disse toda a verdade. E, ora vejam só!, o espírito profético recai sobre mim e posso prever que no futuro tu, Arthur, te tomarás o rei maior e mais famoso que jamais viveu na Bretanha. E posso prever que muitos cavaleiros de extraordinária excelência irão se reunir ao teu redor e que os homens contarão de seus maravilhosos feitos enquanto esta terra existir, e posso prever que por meio desses cavaleiros teu reino será repleto de esplendor e glória. E posso prever que a aventura mais incrível do Santo Graal²² será

²² Sobre o Santo Graal, ver a Apresentação ao presente volume.

empreendida por três dos cavaleiros da tua Corte, o que te dará eterno renome, pois serás o rei em cujo reino a taça sagrada será obtida. Tudo isso posso prever, mas, vê!, chega agora o momento quando a glória de tua Casa novamente se manifestará para o mundo, e toda a gente desta terra alegrar-se-á contigo e com teu reino. Portanto, Sir Ector, ordeno-lhe que nos próximos três dias tome conta deste jovem como a sua joia mais preciosa, pois sobre ele recaem a esperança e a salvação de todo este reino.

Então Sir Ector alteou a voz e gritou para Arthur:

– Um favor! Um favor!

E Arthur disse:

– Ai de mim, como pode isso? Como, meu pai, me pede um favor se posso lhe dar tudo o que tenho no mundo? Peça o que quiser e será seu!

Sir Ector pede
um favor
a Arthur.

Então Sir Ector disse:

– Peço-te isto: que quando fores rei teu irmão Kay possa ser senescal de todo este reino.

E Arthur disse:

– Assim será.

E acrescentou:

– E quanto ao senhor, será ainda melhor, pois será meu pai até o fim! – e assim dizendo, tomou a cabeça de Sir Ector em suas mãos e beijou-o na testa e no rosto, selando sua promessa.

Mas durante tudo isso Sir Kay tinha ficado ali parado, como alguém atingido por um raio, sem saber se devia subir nas alturas ou lançar-se nas profundezas, pois seu irmão mais novo tinha lhe ultrapassado e alcançado uma sorte tão extraordinária.²³ De modo que ficou ali como alguém sem vida ou ação.

E que fique aqui dito que Arthur cumpriu tudo aquilo que prometeu ao pai. Pois, posteriormente, fez de Sir Kay seu senescal, e Sir Ector foi para ele um pai até o dia de sua morte, que ocorreu cinco anos depois.

ASSIM CONTEI como a realeza de Arthur foi primeiro revelada. E agora, se quiserem escutar, ouvirão como isso se confirmou para o mundo todo.

23. Segundo a tradição jurídica medieval da hereditariedade linhagística, a sucessão ao trono é patrilinear e contempla o filho mais velho.

CAPÍTULO TERCEIRO

Como diversos reis e grão-duques tentaram retirar a espada da bigorna e como falharam.

E também como Arthur tentou e conseguiu

ENTÃO, quando a manhã do dia de Natal chegou, muitos milhares de pessoas de todo tipo, tanto nobres quanto plebeus, reuniram-se diante da catedral para assistir à tentativa de retirada da espada.

Pois bem, havia um dossel de pano bordado de muitas cores cobrindo a espada e a bigorna, e uma plataforma tinha sido construída em torno do bloco de mármore. E perto dali fora colocado um trono para o Arcebispo, pois cabia a ele supervisionar a tentativa para garantir que todos os detalhes fossem cumpridos com a justiça e a seriedade esperadas.

Então, metade da manhã já tendo passado, o próprio Arcebispo chegou com grandes pompas e tomou seu lugar no alto trono que lhe tinha sido erguido, e todo o seu séquito de clérigos e cavaleiros reuniu-se à sua volta, de modo que ele ostentava uma elegante e gloriosa aparência de realeza.

Para aquela tentativa haviam-se reunido dezenove reis e dezesseis duques, e cada um deles era de tal nobre e elevada estirpe que nutria grandes esperanças de naquele dia ser confirmado diante de todos como legítimo rei e soberano de toda a Bretanha. Assim, depois que o Arcebispo tinha se acomodado em seu trono, vários deles vieram e pediram para passar imediatamente à prova. Então o Arcebispo ordenou que seu arauto soasse a trombeta e pedisse a todos os que tinham o direito de tentar retirar a espada que viessem para o desafio, e o arauto fez conforme o Arcebispo ordenou.

Logo que o arauto soou a trombeta apareceu o primeiro dos reis a tentar retirar a espada, e quem veio foi o Rei Lot de Orkney e das Ilhas. Com o Rei Lot vieram onze cavaleiros e cinco escudeiros, o que lhe fez parecer muito nobre e poderoso aos olhos de todos. E quando o Rei Lot chegou ali, O Rei Lot de Orkney tenta subir na plataforma. E primeiro cumprimentou o Arcebispo, então junto à espada e falha. colocou as mãos no punho da espada à vista de todos. E dobrou seu corpo, puxando-a com enorme força, porém a lâmina dentro da bigorna não se moveu nem um fio de cabelo, mas continuou firme como o ferro onde estava